



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

NICOLI SILVEIRA DA SILVA

JORNALISMO NA ESTANTE
UMA ANÁLISE DOS PERFIS DA REVISTA PIAUÍ, ORGANIZADOS NO LIVRO
TEMPOS INSTÁVEIS

PORTO ALEGRE (RS)

2023

NICOLI SILVEIRA DA SILVA

JORNALISMO NA ESTANTE

UMA ANÁLISE DOS PERFIS DA REVISTA PIAUÍ, ORGANIZADOS NO LIVRO
TEMPOS INSTÁVEIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade de Comunicação Social do
Centro Universitário Ritter dos Reis, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Villar Belmonte

PORTO ALEGRE (RS)

2023

AGRADECIMENTOS

Difícil ter que resumir tanta gratidão em apenas uma página. Mas vou começar essa tentativa agradecendo minha família, um por um. A primeira não poderia ser outra, senão minha mãe, Graziele. O Jornalismo sempre foi a minha única escolha de carreira, porém, não é a profissão que ela teria escolhido para mim, em razão da lenda mais macabra que ouvimos quando decidimos seguir essa área: “jornalista passa fome”. Mesmo assim, ela foi a pessoa que mais apoiou meu sonho e quem mais torceu por mim em cada conquista. Minha irmã também sempre me incentivou, por diversas vezes, me ajudou a enxergar o quanto eu podia fazer, mesmo em momentos em que pensei em desistir.

Também quero agradecer à minha avó Noemi, que sempre espalhou para os quatro ventos que teria uma neta jornalista e fala com muito orgulho. Minha avó Maria, que não acompanhou minha trajetória tão de perto, mas também gostava de dizer que teria uma jornalista na família. Minhas tias, Jéssica, Michele e minha dinda Cibele, que estiveram do meu lado nos momentos mais difíceis e que me mostraram o caminho do conhecimento, da disciplina e da persistência.

Ao meu namorado, Leonardo, que durante esse trabalho, que acompanhou de perto cada dificuldade, cada entrega, cada lágrima e cada pedido de socorro. Todas as vezes que quis jogar tudo para o alto, era ele quem me trazia de volta a realidade e me mostrava que eu iria conseguir. Ele também me ajudou de uma forma mais prática, editando os áudios da entrevista para o perfil.

Aos meus professores de comunicação da UniRitter, desde que entrei nessa instituição, passei a me enxergar de fato como uma jornalista. Vocês não só me ensinaram os macetes da profissão, também me guiaram para construir uma carreira de fato, além da própria satisfação profissional. Um agradecimento especial ao meu orientador, Roberto V. Belmonte, que desde o nosso primeiro dia viu algo em mim que até agora estou tentando descobrir. O senhor foi o meu ponto de virada e, por isso, serei eternamente grata.

A minha fazendinha também não pode ficar de fora dessa! As minhas cadelas, Sofia e Paçoca, e aos meus gatos, Esposito e Uhtred, vocês não foram muito prestativos no processo de escrita desse trabalho, pois fizeram bagunça e confusão. Mas a presença de vocês liberava doses de serotonina no meu corpo, me ajudando

a ter forças para concluir essa monografia. Então, por esse motivo, sou grata a vocês.

Minha amiga Bibiana, que sempre se disponibilizou a ouvir os meus lamentos e reclamações. Bibi, você aturou cada viagem da minha cabeça, sem me julgar. Jamais poderia pedir uma amiga melhor do que você!

E por último, mas com certeza não menos importante, quero agradecer ao meu avô e meu pai. Vocês acompanharam boa parte dessa jornada acadêmica, me ajudaram com passagem, carona e palavras de incentivo. Me dói saber que vocês não estarão aqui para ver o encerramento dessa caminhada. Mas é um consolo lembrar todas as vezes que pude ver o orgulho que sentiam de mim. Pai, nunca vou esquecer que você foi a primeira pessoa que contei que havia dado tudo certo com os documentos, você ficou tão feliz que contou para todos no seu trabalho que teria uma filha jornalista. É isso, pai, conseguimos!

RESUMO

A presente monografia se propõe a analisar os perfis da revista *piauí*, organizados no livro *Tempos Instáveis*, da editora Grupo Companhia das Letras. O objetivo principal do trabalho é identificar os elementos do Jornalismo Literário nos textos, a partir de categorias definidas por essa pesquisa – Humanização de personagem (HP); Reconstrução de cena (RC); imersão (I); Contextualização do passado (CP); e Personagens coadjuvantes (PC)-, e aplicá-los em um perfil autoral para experimentação desses recursos.

Palavras-chave: revista *piauí*; Jornalismo Literário; perfis

ABSTRACT

This monograph proposes to analyze the profiles of Piauí magazine, organized in the book *Tempos Instável*, by Grupo Companhia das Letras. The main objective of the work is to identify the elements of Literary Journalism in the texts, based on categories -- Character humanization (CH); Scene reconstruction (SR); experience (E); Contextualization of the past (CP); and Supporting Characters (SP) -- defined by this research, and apply them in an authorial profile to experiment with these resources.

Keywords: *piaui* magazine; Literary Journalism; profiles

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Principais recursos da Literatura

QUADRO 2 - Categorias, indicadores e codificação

QUADRO 3 - Números dos perfis, os títulos, os repórteres- autores e sobre quem eles foram escritos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página do livro onde foi aplicada a técnica do *Close Reading*

Figura 2 - Gráfico da categoria de Humanização do personagem (HP)

Figura 3 - Gráfico da categoria de Reconstrução de cena (RC)

Figura 4 - Gráfico da categoria de Imersão (I)

Figura 5 - Gráfico da categoria de Contextualização do passado (CP)

Figura 6 - Gráfico da categoria de Personagens coadjuvantes (PC)

SUMÁRIO

1.			
INTRODUÇÃO			9
2.		JORNALISMO	
LITERÁRIO			11
2.1	JL		NO
BRASIL			14
2.2	A COLEÇÃO JORNALISMO LITERÁRIO DA COMPANHIA DAS LETRAS		17
2.3		REVISTA	
PIAUÍ			19
2.4	ELEMENTOS	DO	JORNALISMO
LITERÁRIO			21
3.			
PERFIL			26
3.1		ANALISANDO	
PERFIS			29
4.			
METODOLOGIA			32
4.1			
CORPUS			37
5.			
ANÁLISE			41
5.1	HUMANIZAÇÃO	DO	PERSONAGEM
(HP)			45
5.2	RECONSTRUÇÃO	DE	CENA
(RC)			54
5.3			IMERSÃO
(I)			57
5.4	CONTEXTUALIZAÇÃO	DO	PASSADO
(CP)			64
5.5	PERSONAGENS		COADJUVANTES
(PC)			71

5.6	DISCUSSÃO	DOS
RESULTADOS	76	
5.7		PERFIL
EXPERIMENTAL	78	
6.	A	ESCRITORA
COMPREENDIDA	79	
7.		CONSIDERAÇÕES
FINAIS	83	
REFERÊNCIAS		
BIBLIOGRÁFICAS	85	
APÊNDICE A – Planilha com as cinco categorias e as anotações do texto	88	
APÊNDICE B – Corpus com os quadros das sete categorias	88	

1. INTRODUÇÃO

O Jornalismo Literário passou a ser uma área de interesse para mim desde que tive mais contato com obras do gênero, como livros reportagem de Gay Talese, Truman Capote e Joan Didion. A partir dessa descoberta, o Jornalismo Literário foi inserido em todos os meus trabalhos durante a graduação. Ao fazer esta monografia, o tema não poderia ser outro.

Ao realizar minhas pesquisas prévias, ainda durante a elaboração do projeto, encontrei a coleção Jornalismo Literário do Grupo Companhia das Letras, o que abriu um leque de possibilidades para definir o objeto desse trabalho.

Mas os perfis do livro *Tempos Instáveis* se tornaram a escolha mais certa. Isso porque a obra reúne 21 reportagens da revista *piauí*, provavelmente, um dos maiores produtos de Jornalismo Literário do Brasil, quiçá, o maior. Os perfis são uma das maneiras mais comuns de juntar realidade e literatura. Trazer o enfoque a esses textos não só facilitou a aplicação das categorias estabelecidas para essa análise, como também possibilitou a aplicação desses elementos em um texto autoral, escrito por mim, para experimentação.

Portanto, foi definida a pergunta norteadora da monografia: quais elementos do Jornalismo Literário estão presentes nos perfis da revista *piauí*, organizados no livro *Tempos Instáveis*, da editora Grupo Companhia das Letras? A partir deste problema de pesquisa, estabeleci o objetivo geral do trabalho: compreender quais elementos do JL são usados nos perfis do livro. Para alcançar tal objetivo, três objetivos específicos foram criados: 1) revisar parte da bibliografia disponível sobre jornalismo literário; 2) mapear os elementos do jornalismo literário presentes em perfis da *piauí* publicados em livro; 3) experimentar algumas das técnicas utilizadas por autores da revista *piauí* para a construção de perfis.

O método escolhido foi a análise de conteúdo, devido a necessidade de estudar um material por meio de categorização. As categorias foram definidas a partir do trabalho de Molina (2017) e a necessidade distinta do próprio objeto. Com isso, cinco categorias foram estabelecidas: Humanização de personagem (HP); Reconstrução de cena (RC); imersão (I); Contextualização do passado (CP); e Personagens coadjuvantes (PC).

A partir disso, foi realizada uma Leitura Cerrada (ou Close Reading, inglês), uma técnica da própria Literatura, usada para identificar elementos e dados dispostos em textos de cunho literário. Isso auxiliou no reconhecimento e na extração das unidades de registro, com base nos indicadores já pré-definidos, de acordo com cada categoria.

Foram analisados os seis perfis do livro *Tempos Instáveis*, escritos por cinco repórteres-autores (os dois primeiros foram escritos pela mesma pessoa). Para ter uma análise mais facilitada, foi utilizada a obra física. Cada unidade de registro foi marcada de acordo com uma cor definida para a sua categoria.

Após a análise, escrevi um perfil, sobre a autora Natalia Borges Polezzo, para experimentar os mesmos elementos identificados nos perfis da *piauí*. A partir dessas duas ações, foi possível entender quais técnicas foram utilizadas pelos repórteres-autores e como eles a usaram na construção de suas narrativas.

2. JORNALISMO LITERÁRIO

Antes de entender quais características do Jornalismo Literário (JL) são usadas para a construção de perfis é preciso compreender o que são ambos os conceitos. Portanto, serão tratados neste capítulo o surgimento do Jornalismo Literário no mundo e sua construção no Brasil.

O texto do jornalismo convencional se baseia no método chamado de Pirâmide Invertida¹, que prioriza as informações mais importantes logo no começo da mensagem. Nesta forma de redação, por exemplo, é possível encontrar respostas no *lead*² para questionamentos como: o quê? quem? onde? quando? como? por quê? De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2014, p 14.), jornais que divulgam notícias relacionadas ao cotidiano da sociedade, na qual está inserido, entrega aos seus leitores informações básicas sobre fatos:

No jornalismo convencional, o modo corriqueiro é o sumário. Como o nome sugere, trata-se de um resumo das coisas. É só uma pincelada nos elementos básicos do que tem para contar, de uma maneira simplificada, indireta, quase sempre impessoal.

Esse modelo convencional citado por Lima (2014) não é capaz de dar conta de narrativas mais complexas desenvolvidas no que ficou conhecido por Jornalismo Literário. Essas duas facetas da escrita – jornalismo e literatura – naturalmente são opostas entre si. A razão principal é a veracidade das suas palavras, uma apresentando fatos, outra abrindo portas para a ficção, a fantasia e o imaginário.

Apesar disso, houve um momento da história em que esses dois conceitos viraram um único gênero. O cenário desse acontecimento foi na década de 1960, nos Estados Unidos. Naquela época, grandes transformações afligiam a sociedade norte-americana. O pós-2ª Guerra Mundial ³provocou uma hegemonia em diversos

¹ Pirâmide invertida significa iniciar a reportagem pelas questões principais da notícia, por isso que as matérias iniciam com o *lead*.

² O Lead responde às perguntas: o que, quem, quando, porque, como e onde. Elas são fundamentais para que o leitor entenda, logo no primeiro parágrafo (isso o que quer dizer Lead) do texto.

³ A Segunda Guerra Mundial terminou em 2 de setembro de 1945, quando o Japão se rende oficialmente.

aspectos da cultura, como cinema, moda, arte e literatura.

Lima (2014, p 03.) ressalta que o país estava emergindo como uma potência mundial, sendo vistos como “os heróis que derrotaram o nazismo”. Além da Guerra Fria, que atizou a paranoia americana em relação ao comunismo russo e a disseminou ao resto do mundo. Dessa forma, nascia o *American Way of Life*, que nada mais é do que um período em que a burguesia americana prezava por valores específicos de vida, como registra Lima (2014, p 4.):

[...] individualismo do self-made man, a força empreendedora do cowboy conquistador de fronteiras que agora se espalhava pelo mundo, o puritanismo da maioria, a objetividade engenhosa diante dos desafios práticos, o lugar sacrossanto do capital no contexto das coisas, a fé cega no poder do racionalismo lógico, da ciência e da tecnologia, a “democracia” e a “liberdade” da sociedade de consumo.

Contudo, havia uma parcela da sociedade que ia na contramão desse idealismo. O movimento que começava a se iniciar foi instaurado principalmente nos cidadãos mais jovens. Começou entre universitários intelectualizados, depois se estendeu aos *beatniks e hippies*.⁴

A contracultura americana foi sentida em lugares como cinema, música, arte e literatura. Esse último ganhou obras que buscavam traduzir o cenário efervescente da época, com uma forte influência do Realismo⁵. Dessa forma, jornalistas e autores transitavam em ambas as funções, mas atuavam dentro da mesma corrente de pensamento, como reflete Wolfe (2005, p. 16):

[...] É difícil explicar o que a ideia de escrever um romance significava nos anos 40, 50 e até no começo dos anos 60. O Romance não era uma mera forma literária. Era um fenômeno psicológico. Era uma febre cortical. Fazia parte do glossário da Introdução geral à psicanálise, em algum ponto entre narcisismo e neurose obsessiva.

⁴ Os movimentos *hippies* são provenientes dos *beatniks*. Ambos pregavam libertação pessoal e iluminação, mas seguindo correntes de pensamento e épocas diferentes.

⁵ O Realismo foi um movimento literário e artístico que buscava trazer um olhar mais realista e objetivo sobre a existência e as relações humanas, surgindo como oposição ao romantismo e sua visão idealizada da vida.

Tom Wolfe, Truman Capote e Gay Talese foram três principais nomes que propagaram técnicas de Jornalismo Literário em seus trabalhos, um movimento também chamado de *New Journalism*.

Segundo Santos (2005), o próprio Wolfe entendia que, por meio do *New Journalism*, era possível escrever reportagens sobre acontecimentos concretos, utilizando uma linguagem imaginativa e artística.

Tom Wolfe foi um grande crítico do *American Way of Life*, dedicando obras como *O Teste do Ácido do Refresco Elétrico* (1968) ⁶à exposição do real momento que o país vivia. O escritor também publicou trabalhos – *Radical Chic* (1970)⁷ – que davam um enfoque mais direto ao Jornalismo Literário como gênero tanto do Jornalismo, quanto da Literatura.

Outro escritor que se associou ao Jornalismo com o *New Journalism* foi Truman Capote. A notícia do assassinato brutal de uma família de fazendeiros no até então pacato Meio-Oeste norte-americano, resultou em uma matéria para a revista *The New Yorker* em 1965. Mais tarde, todos os capítulos publicados no periódico dariam vida a um dos mais célebres livros de não-ficção, *A Sangue Frio* (1966).⁸

Já Gay Talese era jornalista por formação e trabalhava no mais famoso jornal do mundo, o *The New York Times* e na revista *Esquire*. Ele alcançou o auge de seu sucesso com o livro *Fama e Anonimato* (1970) ⁹e era um ferrenho defensor do *New Journalism*, já que jornalistas mais tradicionais alegavam que esse tipo de escrita não fazia parte do Jornalismo.

A prática do Jornalismo, com elementos literários, saiu das revistas e começou a ser popularizada em livros-reportagem. Assassinatos a sangue frio,

⁶ Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Electric-Kool-Aid-Acid-Test/dp/031242759X>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

⁷ Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Radical-Chic-Mau-Mauing-Flak-Catchers/dp/0312429134>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

⁸ Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535904116/a-sangue-frio>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

⁹ Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535904895/fama-e-anonimato>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

trajetórias de superação e histórias reais passaram a dividir espaço com romances nas prateleiras dos leitores.

2.1 JL no Brasil

No Brasil, obras de não-ficção também têm surgido ao longo do tempo, com autores mais antigos, como Euclides da Cunha, e contemporâneos, como Eliane Brum. Também em diversos formatos, sendo mais populares em livros e revistas. Mesmo assim, ainda não são tão democratizadas quanto nos Estados Unidos, como explica Lima (2014, p. 155):

O fenômeno não é mais comum apenas pelas barreiras de autodefesa que cercam a prática do jornalismo, especialmente na sua versão mais afinada com o modelo linear convencional das fórmulas esquemáticas de hard news.

Apesar disso, o Jornalismo Literário possui uma trajetória interessante entre os escritores brasileiros. Começou com o próprio Euclides da Cunha, que publicou uma série de reportagens no jornal O Estado de São Paulo sobre a Guerra dos Canudos, em 1897. Ao final da sua participação na cobertura do conflito, o jornalista reservou o período entre 1898 e 1901 para pesquisar e refletir sobre sua experiência no sertão baiano (CORRÊA, 2020).

Em 1902, foi publicada uma das histórias mais clássicas do Brasil, Os Sertões¹⁰, escrito pelo mesmo. Euclides afirmava que sua obra era baseada em fatos vistos por ele durante a guerra e que poderia ser interpretada como uma denúncia, como explica Corrêa (2020, p.131):

À semelhança do que afirmou ao final da cobertura in loco, o antigo correspondente de guerra do Estadão aventou sobre a produção de livro que, baseado em experiência concreta e testemunhal, fosse capaz de lançar um panorama factual sobre os sertões.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788582850879/os-sertoos>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Saindo do início e indo para o meio do século XX, outro formato consagrava o Jornalismo Literário no Brasil. Em 1966, a revista Realidade foi fundada pela Editora Abril. Em meio a Ditadura Militar Brasileira (1964), o periódico foi considerado transgressor, por tratar de temas – entendidos na época – como tabus (WEISE, 2013).

Weise (2013) elucida que, por dar voz a uma população calada pelo medo e pela opressão, logo a revista Realidade começou a conquistar a simpatia do povo brasileiro. Faro (1999, p.13) também explica o momento:

[...] relações entre os intelectuais brasileiros e a configuração do Estado auditório no período posterior a 1964; as relações entre os jornalistas e o movimento de contestação à ordem autoritária gerada por essa intelectualidade; as relações entre os jornalistas e a Indústria Cultural; as relações de identidade entre o sentido da transgressão e o desenvolvimento acelerado da sociedade urbano-industrial brasileira, com a consequente emergência de segmentos modernos que escaparam, em meados dos anos 60 à cooptação da ordem conservadora.

Há quem considere a revista Realidade como o berço oficial do Jornalismo Literário no Brasil, pois havia sido lançada na mesma época do *New Journalism* nos Estados Unidos. José Hamilton Ribeiro foi o editor-chefe da publicação no mesmo ano de seu lançamento. Ganhou três Prêmios Esso de Jornalismo¹¹ pela sua atuação.

Em 1968, foi correspondente na Guerra do Vietnã pela revista Realidade. Sofreu um grave acidente ao pisar em uma mina terrestre e perdeu uma perna. O momento foi registrado pelo fotógrafo e a imagem virou capa daquela edição da revista (WEISE, 2013). A experiência também rendeu um livro, *O Gosto da Guerra* (1969)¹², uma das obras mais notórias da sua carreira.

Com o fim da revista Realidade em 1976, uma lacuna foi deixada no Brasil, em termos de publicações de revistas. Mas em 2006, a revista *piauí* surgia com uma proposta parecida. Contudo, sem a sombra de uma ditadura militar e tendo uma tiragem mensal. Além do texto mais elaborado, característico do Jornalismo Literário,

¹¹ O Prêmio Esso é a mais importante distinção conferida a profissionais de imprensa no Brasil

¹² Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/gosto-guerra-JOSE-RIBEIRO/dp/8573026820>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

a *piauí* também focalizou em outro aspecto, de acordo com Quister e Nicolato (2013, p.2):

[...] a intenção também é reportar de forma específica os assuntos que estão em evidência, trazendo ao leitor informações atualizadas, contextualizadas e aprimoradas.

Atualmente, a revista *piauí* já conta com quase 200 edições. Seus conteúdos se alternam entre grandes reportagens, entrevistas, perfis biográficos e colunas. O Jornalismo Literário segue firmemente nas entranhas das publicações. O berço do Jornalismo Literário pode ter sido na revista Realidade em 1966, mas foi a *piauí* que seguiu o seu legado.

Se foi em 1966 a origem do Jornalismo Literário no Brasil, também nascia o seu futuro, mais especificamente na cidade gaúcha de Ijuí, quando a jornalista Eliane Brum veio ao mundo. Se formou na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Trabalhou em grandes veículos como o jornal Zero Hora e a revista Época. Atualmente, escreve para o jornal espanhol El País e é co-fundadora do portal Sumaúma, publicação com influência do Jornalismo Ambiental.

Além do trabalho de repórter, é escritora de diversos livros-reportagem, como *A Vida que Ninguém Vê* (2005)¹³, *Olho da Rua* (2008)¹⁴ e *Banheiro Òkòtó* (2021)¹⁵. De acordo com Mendonça e Cardoso (2016), é impossível falar sobre Jornalismo Literário no país sem mencionar Eliane Brum, já que ela faz uso dos elementos do JL (sendo eles detalhados no capítulo 2.3) de forma maestral.

2.2 A Coleção Jornalismo Literário da Companhia das Letras

¹³ Disponível em: <<https://www.livrariaarquipelago.com.br/a-vida-que-ninguem-ve-eliane-brum>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/olho-rua-repórter-busca-literatura/dp/8560171851>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9786559213023/banheiro-okoto>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Em 1986, o editor e escritor Luiz Schwarcz sai da editora Brasiliense¹⁶, onde trabalhava desde 1978. O motivo era uma possível disputa, não intencional, com Caio Graco Prado, editor-chefe da Brasiliense, como o próprio Schwarcz (2006, p.5) explica:

Decidi que queria sair de lá, porque achava que, de certa maneira, estava começando a disputar a Brasiliense com o Caio. A gente tinha visões diferentes.

Apesar de estar fora da Brasiliense, a vocação de Schwarcz era permanecer à frente de uma editora. Então, no mesmo ano de sua saída, ele deu origem à editora Grupo Companhia das Letras, que pretendia atuar com profissionalismo, sem perder sua relação com a cultura e a literatura (KORACAKIS, 2006).

Para alguns especialistas e estudiosos, a Companhia das Letras foi um marco no mercado editorial brasileiro, por conta da qualidade das suas obras, suas estratégias de marketing, construção de catálogos, publicações e administração, como detalha Gustavo Sorá (1997, p.169 - 170):

A Companhia das Letras é o referencial que definiu no final dos anos 80 novos esquemas de percepção e apreciação do bom livro, não a partir da imposição de um movimento literário, escola ou corrente de idéias particular, mas inventando concepções editoriais profissionais, que envolvem os novos livros de prestígio. A imposição desse modo de produção só completou sua irrupção ou legitimação com o aparecimento posterior de editoras assemelhadas que se reconhecem e são reconhecidas por referência à Companhia das Letras e a seu estilo literário-ensaístico.

Com a marca já consolidada, a editora deu início a aquisição de novos selos e a organização de coleções. Em 2002, a coleção Jornalismo Literário ¹⁷surgiu, sob curadoria do jornalista Matinas Suzuki Jr. Atualmente, são 31 títulos, escritos por

¹⁶ A Editora Brasiliense foi fundada na década de 40 por Caio Prado Jr, que passou a direção, nos anos 70, para seu filho, Caio Graco Prado. Graco conseguiu tirar a editora de um processo de falência e levá-la ao sucesso na década de 80.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/Busca?x=0&y=0&q=jornalismo+liter%E1rio>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

autores nacionais e estrangeiros. Suzuki Jr. (2002, p.172) ressalta que a necessidade de ter mais livros-reportagens publicados no Brasil fez com que a editora compreendesse que aquele era um espaço inédito no mercado editorial brasileiro.

O nome Jornalismo Literário foi escolhido como uma forma de facilitar ao leitor no entendimento daquele conceito. Portanto, foi preferido do que “não-ficção”. Porém, o último termo também casaria perfeitamente com a coleção. Isso porque não são apenas livros-reportagem que a integram, outras variantes como Jornalismo Experimental, Jornalismo Criativo, Novo Jornalismo, Ensaio, Literatura de não-ficção e Narrativa de não ficção também fazem parte da coleção (REBINSKI, 2016). O livro Tempos Instáveis (2016) ¹⁸também integra a coleção. A obra reúne, com curadoria do jornalista Fernando de Barros e Silva, 21 reportagens da revista *piauí*. Entre elas, seis perfis de figuras notáveis para a história brasileira do século XXI.

2.3 Revista piauí

A parceria entre a revista *piauí* e a editora Grupo Companhia das Letras vai além da publicação das reportagens do periódico no formato de livros. Começou em 2006, no lançamento da própria *piauí*, quando João Moreira Sales e Luiz Schwarcz – editor e dono da Companhia das Letras -- decidiram se juntar para dar vida a uma revista diferente do cenário editorial brasileiro na época (Bruck e Antunes, 2017).

As revistas no Brasil já passaram por diversas fases e momentos. O começo de tudo foi na chegada da imprensa no país, junto com a família real. Cerca de 180 revistas foram publicadas ao longo de todo o século XIX. De acordo com Carvalho (2016), já naquela época, os periódicos buscavam estar nos moldes europeus, misturando realidade e literatura. Essa característica diz muito sobre a própria essência da revista, que desde sua ascensão se propôs a aprofundar determinados temas. Por essa razão, segundo Carvalho, seu formato mais primitivo era semelhante ao de um livro, já que seu texto e narrativas necessitavam de uma construção mais detalhada e, por vezes, poética para alcançar esse propósito.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535928341/tempos-instaveis>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

As revistas foram uma nova forma de se fazer Jornalismo. A linguagem era diferente das notícias diárias, apesar de seguir algumas técnicas do próprio Jornalismo, a construção dos conteúdos de revistas trazia um enfoque maior para aspectos da Literatura. Além de textos, essas publicações passaram a oferecer outros tipos de materiais mais interpretativos, como fotografia, humor e arte. Contudo, nesse período, as revistas eram feitas pela e para a elite brasileira (CARVALHO, 2016). Por essa razão, seu público não era suficientemente grande para sustentá-la, o que não contribuía para que as revistas permanecessem no mercado. Foi só depois de mudanças e a criação de outros setores que a existência dessas publicações passaram a ter mais estabilidade no mercado brasileiro, como sugere Carvalho, (2016):

[...] a longevidade das revistas aumentaria com o lançamento de Museu Universal, em 1837, cuja proposta editorial era falar sobre as Exposições Universais europeias, populares durante o século XIX, com uma linguagem mais acessível e uso de ilustrações. Com essa fórmula, aliada ao avanço das técnicas de impressão e à tentativa de atingir um público recém-alfabetizado, o jornalismo de revista brasileiro consegue alcançar mais leitores e, assim, sobreviver.

A primeira grande revista brasileira foi O Cruzeiro, que circulou nas bancas populares entre 1928 e 1975. Em 1952, é publicado pela primeira vez a revista Manchete, que marcava ali um intenso destaque para imagens gráficas e ilustrações, incorporando ainda mais esse aspecto para as publicações (CARVALHO, 2016). Ambos os periódicos dominavam o cenário da época, até que em 1966 vêm a revista Realidade, com uma forte inspiração das revistas norte-americanas New Yorker e Esquire, como visto anteriormente. A Veja foi publicada dois anos depois, em 1968, também seguindo os padrões de uma revista estadunidense, mas dessa vez tendo a Time (1923) como modelo. Também surgiram publicações mais segmentadas, voltadas para cultura pop, música e setores específicos como a arquitetura. É a partir da década de 1970 que o mercado editorial fica mais aquecido no Brasil, apesar da Ditadura Militar (Reimão, 1996).

A *piauí* viria ao mercado muito depois, mas manteve o propósito original das revistas, que era fugir das fórmulas do Jornalismo corriqueiro. Isso porque a publicação não se propõe a fazer parte da narrativa do momento, mas sim se aprofundar nas histórias reais, às vezes até irrelevantes para o público geral, que trazem contribuições mais intrincadas para a sociedade (SILVA, 2012). O manual de

redação da *piauí*¹⁹ traz isso de forma muito clara, logo no primeiro parágrafo do documento, onde diz o seguinte: “Sem pressa de chegar primeiro às últimas notícias, a publicação acredita que dar tempo para seus profissionais atuarem não significa lentidão, mas apuro. A coleta exaustiva de informações, o contato demorado com os personagens e a observação atenta são procedimentos dos quais os repórteres da *piauí* não abrem mão”.

O grande protagonista dos textos da *piauí* não é o conteúdo em si, mas sim as narrativas das reportagens, ou seja, é a forma como os textos são escritos (SILVA, 2012). O repórter pode escolher sua pauta, desde que seja um assunto interessante, que possa trazer contribuições para o coletivo, e que seja escrito nos padrões da revista. Eles não são moldes exatos para as narrativas. É mais sobre o estilo, profundo, poético e real que a revista procura manter no seu trabalho. Mas o repórter também pode adicionar ao texto aspectos pessoais. Mesmo que todos os textos sejam assinados pelos repórteres, eles ainda podem trazer uma marca própria para as matérias e escrevê-las à sua maneira (KLACZKO, 2010). Como a *piauí* não possui um nicho determinado, seu público acaba sendo mais diverso do que a maioria das outras revistas brasileiras, já que as reportagens da publicação possuem apelos para diferentes tipos de pessoas, como explica Silva (2012, p.05):

A revista Piauí representa um movimento contra a fragmentação desencadeada dentro do jornalismo. A *piauí* é diferente de outras publicações brasileiras, apreciada pelo bom humor e maneira de narrar os fatos. Os artigos, reportagens, quadrinhos, contos, diários, poemas e ilustrações inovam com a captura da realidade nacional de forma criativa.

A *piauí* não possui editorias, colunistas fixos ou um editorial. As histórias são organizadas por seções. Um exemplo é o Vultos da República ²⁰ que traz perfis sobre diversas figuras notórias do Brasil. Inclusive, a série também virou livro, publicado em 2010 pela editora Companhia das Letras. Alguns desses perfis também se encontram no livro Tempos Instáveis, objeto norteador desta pesquisa. João Moreira Salles disse em entrevista ²¹que não ter editorias determinadas dá a

¹⁹ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2022/04/manual_2022B_0804_2.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2023.

²⁰ Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535917024/vultos-da-republica>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

²¹ Disponível em: <<http://blogdarevistadiners.blogspot.com/>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

liberdade de tratar sobre qualquer assunto, além de facilitar a reinvenção sempre que for necessário para a redação.

2.4 Elementos do Jornalismo Literário

O Jornalismo Literário é um gênero capaz de reunir profissionais multifacetados. Lima (2009) dá o exemplo de Joan Didion que, além de jornalista, é romancista e roteirista. Didion foi autora de grandes obras, como *O ano do pensamento mágico* (2005)²² e *Blue Nights* (2011)²³. No Jornalismo, trabalhou para a revista *Vogue* durante a década de 1960, escreveu o livro *O Álbum Branco* (1979)²⁴, com 20 matérias em cinco partes cobrindo eventos relevantes no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, além de outros trabalhos. Para Lima (2009, p. 158), pessoas como Didion, Capote, Talese, entre outros, construíram um gênero capaz de trazer diversos aspectos distintos:

A arte de se contar histórias com primor literário, procurando-se retratar paisagens humanas e sociais com vigor, continua presente em ilhas de excelência narrativa, fiéis ao compromisso com a realidade.

Wolfe (2005 apud MARTINEZ, 2016)²⁵ identifica quatro principais recursos da Literatura que são amplamente integrados com outras práticas na maioria dos trabalhos do *New Journalism* e dos dias atuais. Confira-os no quadro a seguir:

QUADRO 1: Principais recursos da Literatura

²² Disponível em: <<https://harpercollins.com.br/products/o-ano-do-pensamento-magico-joan-didion>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

²³ Disponível em: <<https://harpercollins.com.br/products/blue-nights-joan-didion>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

²⁴ Disponível em: <<https://harpercollins.com.br/products/o-album-branco-joan-didion?variant=41815514284198>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

²⁵ WOLFE, T. *Radical Chic e o Novo Jornalismo*. Tradução de José Rubens Siqueira. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Reconstrução cena a cena	Toda história possui um cenário. O repórter-autor deve observar todos os detalhes presentes na cena que ele está presenciando, como também ouvir atentamente a descrição que está sendo contada a ele e ter a iniciativa de perguntar os mínimos detalhes de qualquer cena, vindo de terceiros.
Reconstrução de diálogos	É nos diálogos que estão muitas informações importantes sobre um personagem, que mostram como sua personalidade é posta diante da sua interação com outras pessoas. Colocá-los no papel dá aos leitores um conhecimento mais profundo sobre a trama ou o assunto em questão.
Ponto de vista de terceira pessoa	Os personagens coadjuvantes são essenciais para qualquer texto literário. Na não ficção, isso também se aplica. Porque o público precisa de uma espécie de “guia”, alguém que possa trazer informações chave, mas de maneira mais crível.
Simbólicos do status de vida da pessoa	Esse recurso envolve tudo o que está relacionado ao comportamento, escolhas e a própria vida da pessoa em questão. Detalhar essas informações aproxima o público da história.

Com uma diversidade de autores e estilos, o termo Jornalismo Literário não é a única nomenclatura para essa prática. Alguns outros nomes são: Jornalismo Narrativo, Literatura da Realidade ou Literatura Criativa de Não Ficção (MOLINA, 2017). Isso porque, como foi visto no capítulo 2, o movimento do *New Journalism* foi usado para retratar a sociedade estadunidense da época, algo que atraiu não só jornalistas por formação, mas também escritores de ficção. Mesmo com essa variedade de profissionais, Lima (2009) considera que, por trás de todo texto, existe um escritor. Por esse motivo, neste trabalho será utilizado o termo repórter-escritor para fazer referência a figura por trás dos textos de não ficção que seguem a lógica do JL.

Mas, voltando ao início do *New Journalism* e, conseqüentemente, o começo da disseminação da Literatura da Realidade. Wolfe (2005) é claro quando diz que o JL foi um momento de convergência para o Jornalismo. O que corrobora com essa definição é o cerne do Jornalismo tradicional, que se divide em dois gêneros principais: opinativo e informativo (PASSOS E ORLANDINI, 2008). Já o JL segue um caminho mais complexo, pois é uma junção de categorias textuais e gêneros

discursivos. Ele é uma variante do Jornalismo e da Literatura que, ao mesmo tempo que os une, se opõem a eles. Além de utilizar outros segmentos (PASSOS E ORLANDINI, 2008).

Martinez (2016) destaca que o JL não abrange apenas a Comunicação – representada pelo Jornalismo – e a Literatura. A Sociologia traz ao JL técnicas de observação e imersão no determinado contexto, onde o repórter se encontra para escrever sua matéria. A Psicologia também é usada nas técnicas do Jornalismo Literário, já que essa prática exige uma profunda compreensão do ser humano, seu comportamento, motivações etc. Se tratando do próprio Jornalismo, sua contribuição para o JL está na rigorosa apuração dos fatos e informações. Soma-se a isso o compromisso intrínseco com a verdade. A última característica é o que balanceia o JL e o aproxima da Literatura. Essa área também é um pilar do Jornalismo Literário, já que técnicas como narrativa, reconstrução de diálogos e descrição de cenas são aspectos que destacam o JL dos demais segmentos do Jornalismo. Contudo, propriedades ficcionais devem ser deixadas de lado, o repórter só pode escrever sobre o real e o concreto, sem espaço para quimeras.

Juntos, esses atributos constituem o que conhecemos como Jornalismo Literário, sem tirar, nem pôr. Lima (2004) destaca que textos com elementos do JL possuem uma construção distinta. Com as informações detalhadas vindas da imersão e o entendimento do sujeito principal da reportagem, onde é possível humanizá-lo ao ponto de fazer dele um personagem capaz de despertar identificação e empatia alheia, é possível moldar uma narrativa quase romântica, sem fugir da realidade. Martinez (2017, p.30) também elenca as principais estratégias para se fazer Jornalismo Literário:

Ultrapassar a camada superficial do real, mergulhando nas dimensões mais profundas da realidade de forma a apurar, resgatar, compreender e, finalmente, relatar de uma forma mais integral os sentidos, os nexos e as conexões existentes no acontecimento.

Essa conexão que Martinez (2017) menciona também é sustentada por Bakhtin (1997) que supõe que a linguagem é capaz de conectar diferentes instâncias da realidade. Porém, a definição desse trabalho está conectada às circunstâncias, que direcionam para onde a narrativa deve ir e que tipo de público será o seu

receptor. E, mesmo que um determinado contexto não ofereça uma base sólida para a construção de uma literalidade, o repórter jamais poderá utilizar a ficção para preencher as lacunas da narrativa. Isso fere diretamente um de seus elementos-chave (PASSOS E ORLANDINI, 2008).

3. PERFIL

Nos últimos séculos, conceitos como a arte de contar histórias se integraram à humanidade. Para Clarissa Pinkola Estés (1992), estudar e analisar histórias de

diferentes épocas é um trabalho paleontológico. Isso porque cada sociedade possuía suas particularidades e culturas, de acordo com diversos aspectos, como região e tempo. Mas, entre outras coisas, a arte de contar histórias era uma atividade comum entre civilizações ao longo das eras. Algumas eram eternizadas em escritos, sinais ou hieróglifos. Outras eram passadas oralmente, e foram esquecidas do imaginário coletivo. “As histórias são muito mais antigas do que a arte e a psicologia, e serão sempre as mais velhas nessa comparação, não importa quanto tempo passe” (ESTÉS, 1992).

As histórias podem ser propagadas sob duas perspectivas principais: ficção e realidade. Quando se trata do real, áreas como o Jornalismo e a Sociologia são grandes protagonistas nessa prática (MARTINEZ, 2017). Especialmente o Jornalismo Literário que, como visto anteriormente, possui um papel crucial na escrita literária não-ficcional. Quando o foco é posto sob uma vida humana, entram as narrativas bibliográficas, como o perfil.

O que diferencia o perfil do gênero literário biografia é a sua construção. Villas-Boas (2008) defende que um perfil é um recorte do momento. O que significa que a narrativa não será necessariamente linear, ou seja, o seu foco não é acompanhar a trajetória de vida de um personagem real, como a biografia busca fazer. Mas sim um recorte do momento presente da vida do personagem, apenas acontecimentos do passado sendo contados para contextualizar os eventos atuais que estão sendo contados no perfil. Além disso, o perfil traz outra especificidade. De acordo com Villas-Boas (2008), essa narrativa deve se tratar de uma pessoa real para ser considerada um perfil.

Claro que você pode fazer uma reportagem ou uma crônica sobre um lugar, um edifício, uma época, e tentar desvendar a cultura, a personalidade e a alma do tal lugar, do tal edifício, da tal época. Mas aí ou é reportagem, ou crônica, ou um híbrido de cunho autobiográfico. Perfil, não. O perfil (em forma de texto escrito) possui parâmetros específicos [...]

Segundo os autores Carmo e Almeida (2021), para escrever um perfil é preciso seguir duas etapas base: imersão, que é a coleta de informações, com entrevistas e pesquisas. É nesse momento que o autor irá compreender seu personagem, livre de expectativas e julgamentos (VILLAS-BOAS, 2014). As pessoas

são seres complexos, são essas características que os fazem interessantes o bastante para serem escritos. Inclusive, Vilas-Boas (2014, p.4) adverte que um jornalista jamais deverá idealizar o seu entrevistado. “Espera-se que o perfil lance luz sobre a fase atual, o comportamento, os valores, a visão de mundo e alguns episódios da vida da pessoa”.

Outra etapa estabelecida pelos autores Carmo e Almeida (2021) é a escrita. A construção de um texto de perfil requer o estudo e o entendimento de diversos pontos. Mais uma vez, Vilas-Boas (2008) explica como esse ponto funciona. Para ele, o grande responsável pela qualidade do texto é o jornalista, a fonte se abstém totalmente desse encargo. Sua única função é fornecer fatos verídicos de sua vida, com o intuito de despertar interesse público, mudanças de perspectiva, entre outros pontos que podem ser beneficiados por meio de sua história.

Mas Vilas-Boas (2014, p.2) traz outro passo para se fazer um perfil, a escolha do personagem. Esse deve anteceder todos os outros. O autor sugere alguns pressupostos para a definição de um personagem:

1) o ser humano é irrepitível mesmo quando totalmente submisso ou alheio à ordem social à qual pertence; 2) há indivíduos que se diferenciam da multidão por suas atitudes e/ou pensamentos, independentemente de serem conhecidos da mídia, de possuírem hábitos exóticos, de serem difíceis de lidar ou de terem experimentado viradas mirabolantes em suas vidas.-

Um dos objetivos de um jornalista ao escrever um perfil é ter seu trabalho lido e apreciado. Isso levanta a questão em relação a quais aspectos levam uma pessoa a ler um perfil sobre outra pessoa. Martinez (2017) acredita que a construção desse tipo de texto também possui aspectos da Psicologia. Essa área se torna importante quando falamos no aprofundamento humano. Fazer um perfil vai além da retratação da vida presente e passada de um ser humano. O seu eu interior é o real protagonista de sua história. Geralmente, as pessoas leem o que lhes interessa, seja para obter novos conhecimentos ou para despertar novas sensações. Um perfil nada mais é do que o aprofundamento em uma história verídica. Algo capaz de gerar raiva, compaixão, repulsa, identificação e qualquer sentimento que um ser humano real possa sentir por outro ser humano real:

De uma certa maneira, uma vez que as histórias de vida se constituem no cerne do Jornalismo Literário, elas teriam na medida do que fosse possível ao jornalista literário o potencial de ampliar a tentativa de compreensão sobre si mesmo e sobre o outro, num notável exercício de alteridade que se estende à relação com a comunidade e/ou a sociedade na qual ambos se inserem. (MARTINEZ, 2017, p.31)

O Jornalismo Literário está fortemente atrelado ao perfil. Esse estilo jornalístico é a pedra fundamental da construção da narrativa da história. Grandes autores-jornalistas, que escreveram perfis icônicos, se utilizaram do JL para desenvolverem seus perfis. Um exemplo é o texto Frank Sinatra está resfriado²⁶, de Gay Talese, publicado na revista estadunidense Esquire, em 1966 e, mais tarde, adicionado ao livro Fama e Anonimato (1970). Para Vilas-Boas (2008), esse provavelmente é o perfil mais lido do mundo. E o irônico desse trabalho é que Talese nunca encontrou Sinatra para entrevistá-lo. Ele construiu o texto por meio da perspectiva de pessoas próximas ao cantor.

Outra relação entre perfil e JL é a sua criação. Assim como o Jornalismo Literário, o perfil começou a ser escrito nos Estados Unidos e, pelos mesmos profissionais que o conceberam, foi lapidado para o formato que conhecemos hoje (MOLINA, 2017). A revista New Yorker foi um marco para o Jornalismo. Entre suas editoriais mais famosas, está a *Profile*, onde se encontram os perfis. Foi nesse espaço que esse gênero jornalístico começou a ser publicado. Molina (2017, p.34) exemplifica quais conceitos eram usados pelos jornalistas da New Yorker em seus perfis:

Ainda nesta editoria, é possível reconhecer traços de extrema presença na revista: a humanização dos personagens, tanto os desconhecidos como os famosos, vistos em noticiários, filmes, etc. Além da utilização das técnicas literárias para descrever ambientes, diálogos e momentos. Talvez o mais importante seja a imersão dos repórteres quando perfilam alguém.

Assim como o JL, a revista Realidade também importou o estilo dos perfis dos Estados Unidos para o Brasil. Vilas-Boas (2008) relembra a liberdade criativa que

²⁶ Do original "Frank Sinatra Has a Cold". Disponível em: <<https://www.esquire.com/news-politics/a638/frank-sinatra-has-a-cold-gay-talese/>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

era possibilitada aos jornalistas do periódico, para escreverem seus perfis. Um dos muitos traços da revista Realidade que serviram de inspiração para a revista *piauí*.

3.1 Analisando perfis

Molina (2017) analisou técnicas do Jornalismo Literário e sua aplicação dentro dos perfis escritos pelo editor-chefe da revista *New Yorker*, David Remnick²⁷. O estudo foi feito a partir de sete categorias, que foram usadas para extrair dos textos os recursos presentes no objetivo da pesquisa.

O objeto de análise de Molina (2017) eram três perfis de políticos internacionais escritos por Remnick na revista *New Yorker*. Para chegar a uma conclusão, ela estruturou sua pesquisa em categorização e codificação, como explica Bardin (1988 apud FONSECA JÚNIOR, 2012):²⁸

A categorização envolve duas etapas: o *inventário* e a *classificação*. A primeira consiste em isolar o elemento enquanto a segunda consiste em repartir os elementos, reunindo-os em grupos similares de forma a impor certa organização às mensagens.

A primeira categoria estabelecida por Molina (2017) é a Humanização de personagem (HP). Ela destaca que essa é uma das principais de seu trabalho, já que consiste em aproximar o sujeito presente no texto do público. Vilas-Boas (2014) ressalta que personagens complexos e interessantes são capazes de render bons perfis. O dever do repórter-autor nesse caso é explorar essas histórias de uma forma que gere identificação, empatia, raiva, desgosto ou outro sentimento do leitor em relação ao texto.

A Reconstrução de cena (RC) é uma prática muito característica da literatura. Molina (2017) destaca que lembrar caminhos, lugares e cenários ajuda o texto a alcançar uma maior credibilidade, além de aproximar a história da realidade. Ela

²⁷ David Remnick é um jornalista norte-americano, escritor, e editor da *New Yorker* desde 1998

²⁸ BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa : Edições 70, 1988.

ainda dá alguns exemplos que podem ser encontrados em perfis consagrados do Jornalismo:

—A categoria pode ser identificada tanto em espaços externos, onde Remnick busca explorar e reconstruir os cenários pelos quais passou, como numa viagem de trem. Ou em espaços internos, o critério escolhido são os espaços físicos aos quais Remnick dá mais detalhes, como escritórios, ou ambientes das residências dos personagens. (MOLINA, 2017, p.46)

No caso da Dedução de sentimentos (DS), Molina destaca que é algo ligado à imersão. Pois, segundo ela, o narrador deve ser capaz de compreender e interpretar os sentimentos do personagem em questão, e comunicar sua análise ao público. Ela ressalta que isso é possível devido a uma observação minuciosa e convivência intensa do comportamento do personagem (MOLINA, 2017).

Os trejeitos do personagem são capazes de entregar os sentimentos presentes em seu interior. Salles (2003, apud MOLINA 2017) ²⁹ complementa essa afirmação ao ressaltar que essa técnica é um dos aspectos que tornam o perfil jornalístico de cunho literário tão difícil de ser executado.

Como visto anteriormente, a Imersão (I) foi a contribuição da Sociologia ao JL (LIMA, 2003). Vilas-Boas também apresenta que, nos perfis, essa prática é o que dá profundidade ao texto. Uma das características mais marcantes do perfil é a presença do repórter-autor no texto. Molina (2017) identificou em seu objeto de análise essa característica, presente especialmente nos diálogos entre personagem e repórter-autor. Nos perfis do livro *Tempos Instáveis*, essa mesma técnica é utilizada.

A Reconstrução de diálogo (RD) traz ao leitor os pontos de vista dos personagens, além de mostrar como ele se comporta em relação a outras pessoas. É uma técnica que ajuda o público na compreensão daquele sujeito e na aproximação com a realidade. Wolfe (2005, apud Molina, 2017) destaca que a RD envolve o leitor no texto, mais do que qualquer outra técnica, como explica Molina (2017, p.47):

²⁹ SALLES, João Moreira. O homem que escutava [posfácio]. In: MITCHELL, Joseph. O segredo de Joe Gould. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 157 p.

Esta categoria serve para identificar os diálogos que estão presentes nos três textos do corpus e foram presenciados por ele. Estes diálogos, se caracterizam, principalmente, por serem conversas entre duas ou mais pessoas - entrevistador/entrevistado ou entrevistado/outra pessoa - e é possível identificá-los pela sequência das falas que se segue colocadas entre aspas e com travessão.

O Uso de aspas (UA) pode ser considerada uma técnica relacionada com o próprio Jornalismo. Em reportagens usuais, geralmente, as aspas ajudam a corroborar com alguma informação, já que elas costumam ser falas de especialistas, espectadores, etc. Para Molina (2017), essa categoria fazia sentido na análise de seu objeto.

A última categoria criada por Molina (2017) está diretamente relacionada ao seu objeto de análise. Visto que o autor utilizava a Retomada (R) diversas vezes durante seu texto. Por meio dessa técnica, os assuntos são repetidos diversas vezes, ao longo da narrativa.

4. METODOLOGIA

O problema de pesquisa desta monografia é: quais elementos do Jornalismo Literário estão presentes nos perfis da revista *Piauí*, organizados no livro *Tempos Instáveis*, da editora Grupo Companhia das Letras?. A partir do problema de pesquisa, um objetivo geral foi estabelecido: compreender quais elementos do JL são usados nos perfis do livro. Para alcançar tal objetivo, três objetivos específicos foram criados: 1) revisar parte da bibliografia disponível sobre jornalismo literário; 2) mapear os elementos do jornalismo literário presentes em perfis da *piauí* publicados em livro; 3) experimentar algumas das técnicas utilizadas por autores da revista *piauí* para a construção de perfis.

O objeto de pesquisa são os perfis da *piauí* selecionados pelo jornalista Fernando Barros e Silva para publicação no livro *Tempos Instáveis*, da Companhia das Letras.

A análise dos textos foi realizada com a metodologia de Análise de Conteúdo sob o aspecto quantitativo e qualitativo. Foi necessário aplicar ao estudo as três fases elencadas por Bardin (1977, p. 95): pré-análise; exploração do material; e tratamento dos dados, inferência e interpretação. Herscovitz (2010, p. 123) destaca que a Análise de Conteúdo é uma ferramenta de pesquisa muito útil para o campo do Jornalismo. A razão é o grande auxílio que a técnica proporciona na classificação de produtos, gênero e formatos relacionados às produções da área. Além de ser um meio para identificar características típicas dos conteúdos jornalísticos, de acordo com a necessidade do estudo, como a própria Herscovitz (2010, p. 124) explica:

A análise de conteúdo da mídia, por fim, ajuda-nos a entender um pouco mais sobre quem produz e quem recebe a notícia e também a estabelecer alguns parâmetros culturais implícitos e a lógica organizacional por trás das mensagens.

A Análise de Conteúdo possibilita duas alçadas para a pesquisa, a fim de estabelecer um formato de estudo mais concreto, as pesquisas quantitativas e qualitativas. Herscovitz (2010, p. 126) relembra que ocorreram diversas discussões

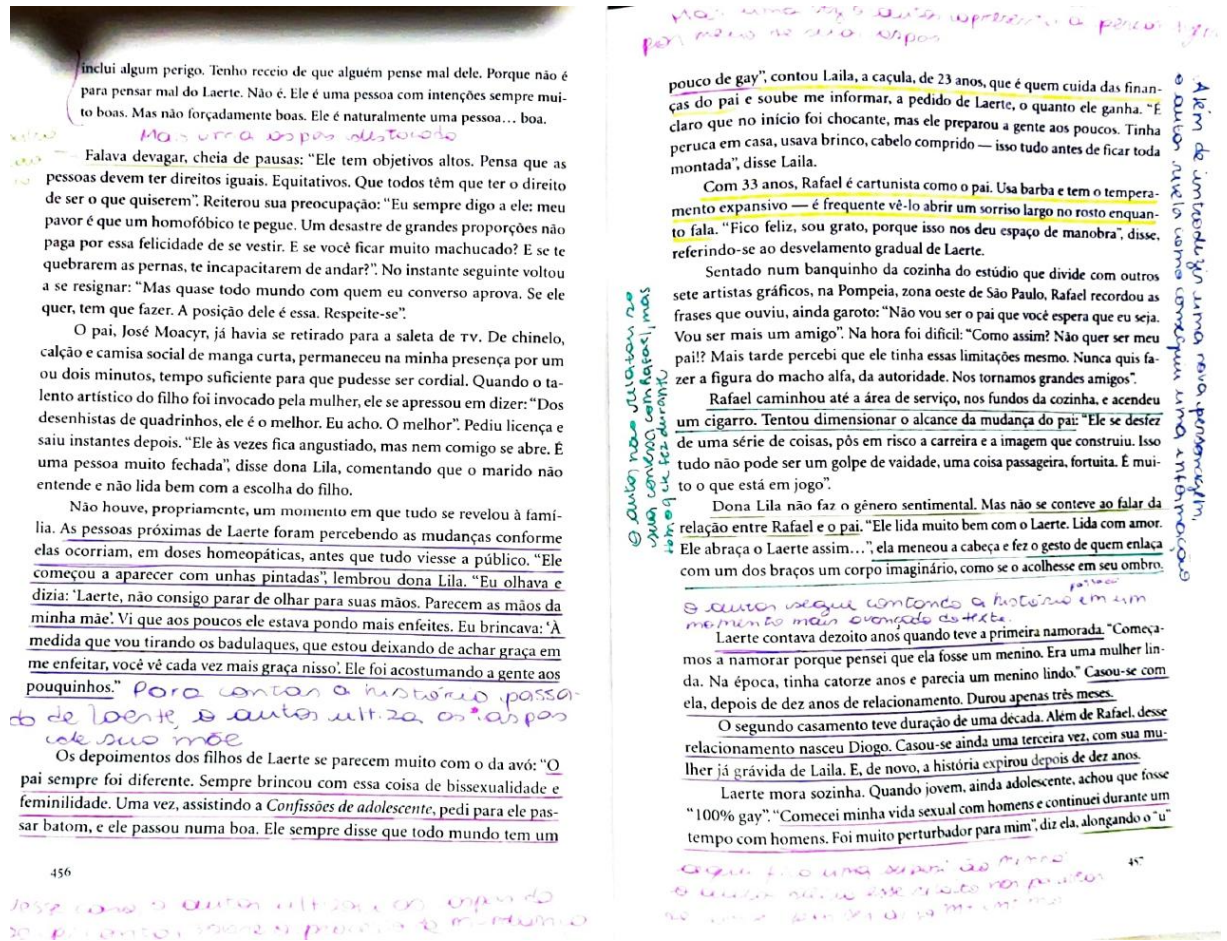
acerca de qual campo melhor se integra à metodologia. Porém, a autora assegura que atualmente há um entendimento maior sobre a importância de integrar o qualitativo ao quantitativo, para entender os significados explícitos e implícitos de um texto. Weber (1990, apud Herscovitz, 2010, p. 126) ressalta que o melhor caminho para se obter resultados mais concretos, a partir da análise de conteúdo, é utilizar a combinação do qualitativo com o quantitativo.

Nesse sentido, a monografia faz uso de ambos, quantitativo e qualitativo. Herscovitz (2010, p. 126) entende que os textos são polissêmicos, ou seja, possibilitam diversas interpretações de diferentes leitores. Portanto, a Análise de Conteúdo precisa dos dois aspectos para trazer mais precisão aos resultados. Por essa razão, o presente trabalho analisa, de forma quantitativa, as frequências dos elementos literários presentes nos perfis reunidos no Tempo Instáveis, para entender quais técnicas são mais usadas durante os textos; já a abordagem qualitativa permite compreender semelhanças e diferenças entre os elementos mapeados, e compreender como eles se relacionam no texto de cada perfil. A técnica para se obter resultados mais assertivos foi a amostragem, pois Herscovitz (2010, p. 129) sugere que selecionar os objetos do conteúdo é crucial para entender as unidades de análise.

Ao todo, o livro Tempos Instáveis traz seis perfis, de diferentes figuras públicas do cotidiano brasileiro. O método usado para leitura e identificação das unidades de registro foi a leitura cerrada – ou *Close Reading*, em inglês. Durão (2020, p. 39) explica que o método tem como “traço mais fundamental uma atenção extrema aos potenciais de significação do texto em todas as suas dimensões”.

A leitura cerrada é uma metodologia de pesquisa da área da Literatura. Começou a ser praticada a partir de 1940, especialmente entre os britânicos, juntamente com um movimento chamado “Nova Crítica”. O *Close Reading* não é uma técnica exclusiva para um único tipo de texto, ela pode ser usada em diferentes objetos de pesquisa, independentemente da vertente do estudo em questão (DURÃO, 2020). Uma das principais características do *Close Reading*, apontadas por Durão (2020), é a demora da leitura. Com a lentidão, é possível identificar os significados mais implícitos de um texto, marcá-los e anotá-los. Esse processo foi o escolhido para a análise desta monografia, pois os elementos do Jornalismo Literário não estão na superfície do texto, mas na construção de suas palavras. A figura a seguir mostra como essa técnica foi aplicada nos perfis da pesquisa:

Figura 1 – Página do livro onde foi aplicada a técnica do *Close Reading*



A utilização da leitura cerrada possibilitou a identificação e a extração de unidades de registro, codificadas por categoria, como sugere Herscovitz (2010, p. 134). A partir da pré-análise, foi possível colocar todas as unidades de registro em planilhas (Apêndice A) para uma melhor visualização de todas as anotações feitas no objeto de pesquisa, facilitando a análise posterior.

Dessa forma, foi possível definir as unidades de registro – ou amostras de análise – nas categorias criadas por Molina (2017), baseadas em técnicas do jornalismo literário (descritas no referencial teórico). Porém, como Herscovitz (2010, p. 133) bem exemplifica, as definições precisam fazer sentido com o objeto de análise e o propósito da pesquisa. Portanto, foi necessário uma adaptação das categorias propostas por Molina (2017). Ao todo, das sete categorias, quatro foram deixadas de fora, por não se fazerem suficientemente presentes nos textos estudados e por não serem aspectos pertinentes apenas ao JL ou ao próprio perfil

jornalístico. São elas: Dedução de sentimentos (DS); Reconstrução de diálogo (RD); Uso de aspas (UA); e Retomadas (R).

Nesse sentido, as categorias de Molina (2017) utilizadas na presente análise foram: Humanização do personagem (HP); Reconstrução de cena (RC); e Imersão (I). Houve também a necessidade de criar duas novas categorias, pois ambas são características do JL e do perfil jornalístico que são recorrentes nos textos do livro *Tempos Instáveis*. Vilas-Boas (2014) destacou que um perfil é focado em uma vida presente que possui um passado. Grande parte das escolhas e opiniões de uma pessoa é baseada em suas vivências passadas. Esse entendimento levou a criação da categoria Contextualização do passado (CP) para identificar as unidades de registro que traziam o passado para embasar o presente (VILAS-BOAS, 2014).

Santoro (2015) traz uma afirmação de Aristóteles para explicar a importância do personagem para a narrativa. Baseado na *Poética* do século IV a.C, o filósofo assegura que os personagens possuem tanta significação para as histórias quanto o próprio enredo. Um perfil pode ter diversos personagens para compor sua narrativa de forma mais aprofundada e dinâmica. Na fundamentação teórica, Vilas-Boas (2014) conta a empreitada de Talese (1966) para construir o perfil “Frank Sinatra está resfriado”, provavelmente o perfil mais lido do mundo – segundo Vilas-Boas – sem ter um único encontro com o personagem principal. Esse caso exemplifica o poder dos personagens secundários e sua contribuição para as histórias. Por esse motivo, foi criada a categoria Personagens coadjuvantes (PC).

Portanto, as categorias norteadoras da pesquisa ficaram com os seguintes indicadores e codificações:

QUADRO 2: Categorias, indicadores e codificação

Categorias	Indicadores	Código
Humanização do personagem	Essa categoria consiste nas definições pessoais do perfilado e dos indivíduos que o cercam. É usada para despertar empatia no leitor, já que dá àquela pessoa uma face real, com trejeitos, personalidade, ideias etc.	HP
	Os cenários onde ocorre a narrativa são de extrema importância para que o leitor possa visualizar a história,	

Reconstrução de cena	trazendo-a para a realidade. Ambientes, locais, estabelecimentos, eventos, todos esses elementos fazem parte dessa categoria.	RC
Imersão	É nesse momento que, geralmente, o repórter aparece no texto. É onde ele demonstra seu conhecimento acerca do personagem, suas histórias e vivência. Ele presenciou muitos dos fatos narrados e também traz concepções próprias das situações à sua frente. Então, o repórter-autor se coloca no texto, além de suas perguntas e concepções a respeito do personagem	I
Contextualização do passado	É por meio dessa categoria que entendemos as motivações, ideias e comportamentos do personagem. Já que muito do que ele é no presente se deve ao que lhe ocorreu no passado.	CP
Personagens coadjuvantes	São esses que trazem informações complementares sobre o personagem, pois não é possível ter uma narrativa profunda apenas com a perspectiva de duas pessoas (repórter-autor e personagem).	PC

4.1 Corpus

Publicado em 18 de novembro de 2016, pela editora Grupo Companhia das Letras, o objeto de análise desta pesquisa, o livro *Tempos Instáveis*, reúne 21 reportagens marcantes da revista *piauí*. A obra faz parte da coleção *Jornalismo Literário* da editora (detalhada no capítulo 2.2 da fundamentação teórica). Os textos foram organizados pelo jornalista da *piauí* Fernando de Barros e Silva e estão estruturados no livro em quatro partes: *Cartas do mundo*, com reportagens internacionais; *Questões brasileiras*, com matérias que tratam mais diretamente questões do Brasil; *Perfis*, com textos sobre figuras notáveis para a história recente do País; e *Anais da imprensa*, trazendo trabalhos diversos de jornalistas e debatendo a crise do Jornalismo. Barros e Silva ressaltou, no prefácio do livro, que

organizou reportagens que pudessem “oferecer um retrato significativo do que fomos capazes de realizar”.

Ao todo, o livro possui 567 páginas, trazendo 21 reportagens. Inclusive, a quantidade de textos é um destaque na capa da obra, fazendo alusão a trajetória do próprio Jornalismo do século XXI, no Brasil e no mundo. A presente monografia analisou os seis textos da seção Perfis do livro. Para facilitar a análise, os textos foram enumerados e renomeados, seguindo a ordem do sumário do livro. Com exceção para dois perfis em especial que foram escritos pela mesma repórter-autora, portanto, um virá seguido do outro na análise. No quadro a seguir, estão todos os números dos perfis, os títulos, os repórteres- autores e sobre quem eles foram escritos:

QUADRO 3: Números dos perfis, os títulos, os repórteres- autores e sobre quem eles foram escritos

Número do perfil	Perfil	Linha fina	Repórter-autor	Pessoa assunto
1	O presidente	Ricardo Teixeira, dono do futebol brasileiro	Daniela Pinheiro	Ricardo Teixeira
2	O soldado do PT	Delúbio Soares explica que ele não inventou o mensalão, apenas cumpriu ordens e serviu ao partido	Daniela Pinheiro	Delúbio Soares
3	A cara do PMDB	Quem é e o que quer Michel Temer	Consuelo Dieguez	Michel Temer
4	O delator	Delcídio do Amaral fala sobre os tempos de poder, os meses na prisão e a ruptura com Dilma, Lula e o PT	Malu Gaspar	Delcídio do Amaral
5	O antropólogo contra o Estado	Eduardo Viveiros de Castro, o intelectual brasileiro que virou a filosofia ocidental pelo avesso	Rafael Cariello	Eduardo Viveiros de Castro
6	Laerte em trânsito	Como vive e o que pensa o cartunista que decidiu ser mulher	Fernando de Barros e Silva	Laerte Coutinho

Fonte: Dados da pesquisa

Seguindo a lógica de codificação de Molina (2017), será utilizada a sigla da categoria, número do perfil, número da unidade de registro e página de onde ela foi recortada. Exemplo: CP_1_4_56, que significa Contextualização do passado, no perfil 1, unidade de registro 4, localizada na página 56.

Partindo desse pressuposto, vamos entender sobre o que se trata cada perfil. O perfil 1, O presidente, foi publicado na revista em julho de 2011 e foi escrito pela repórter-autora Daniela Pinheiro. Em 23 páginas, ela perfila Ricardo Teixeira, 18º presidente da Confederação Brasileira de Futebol. A repórter-autora envolve o leitor na vida de Teixeira, durante sua participação no 61º Congresso da Fifa, em Zurique, na Suíça.

Os principais assuntos debatidos no texto são a política por trás das confederações de futebol pelo mundo. Pinheiro coloca no perfil polêmicas, acusações de corrupção, acordos entre dirigentes e questões pessoais do próprio personagem. Através do texto, conhecemos um Teixeira amante de luxos, um pai conservador, uma personalidade forte e um grande antagonista do Jornalismo brasileiro.

O perfil 2 também foi escrito por Daniela Pinheiro e publicado em junho de 2012. O Soldado do PT narra a trajetória de Delúbio Soares, ex-tesoureiro do Partido dos Trabalhadores (PT), expulso da sigla em 2005, após o escândalo do mensalão, no qual foi preso e condenado por corrupção ativa. O fio condutor da história é a determinação de Soares em provar sua inocência. Pinheiro o acompanha em uma palestra na Bahia, usada pelo personagem como palanque para a sua autodefesa.

A repórter-autora disserta sobre vários assuntos ligados a Delúbio em 22 páginas de texto. Ela contextualiza como o personagem entrou no partido, sua história com o presidente Lula, suas acusações, entre outras informações. Ela descreve momentos em que presenciou conversas, ações, ouviu personagens secundários etc.

A cara do PMDB é o perfil 3, escrito por Consuelo Dieguez e publicado em junho de 2010. A matéria busca desvendar as intenções do então vice-presidente de Dilma Rousseff, Michel Temer. Nas 18 páginas de perfil, Dieguez se esforça para apresentar ao leitor um lado diferente da rígida figura que Temer expõe de si mesmo ao público.

Um dos recursos que ela usa para isso é a interação de Temer com os Personagens coadjuvantes e com a própria repórter-autora. No texto, é possível perceber que Dieguez não teve tanto contato com o personagem, pela falta de detalhes que a própria tenha presenciado ou obtido conhecimento. Contudo, a Imersão pode ser vista na observação de momentos simples, que podem, ou não, dizer muito sobre o indivíduo em questão.

O perfil 4, O delator, foi escrito por Malu Gaspar e publicado em junho de 2016. Em 29 páginas, Gaspar conta a história de Delcídio do Amaral, no momento em que havia acabado de firmar um acordo de delação premiada com a operação Lava a Jato, contra membros do PT, inclusive Lula.

A repórter-autora coloca como fio condutor da narrativa o dia do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Juntamente com Amaral e sua família, Gaspar assistiu a ação de um espaço particular do personagem. Ela descreveu todas as expressões de Amaral durante o processo e trouxe relatos dele e de Personagens coadjuvantes dos tempos do ex-senador na cadeia. A Imersão, a Reconstrução de cenas e a Contextualização do passado também são características muito marcantes no texto.

Escrito por Rafael Cariello, o perfil 5, O antropólogo contra o Estado, o texto conta a trajetória de Eduardo Viveiros de Castro, um antropólogo brasileiro que revolucionou a filosofia moderna ocidental, especialmente com ideias a respeito dos povos originários.

Nas 24 páginas, o repórter-autor se propõe a expor aos leitores as ideias de Viveiros de Castros e as origens de seus estudos. O que, de certa forma, foge um pouco do entendimento de JL. Contudo, há elementos muito marcantes do gênero no perfil. Como Reconstrução de cenas, Imersão, Personagens Coadjuvantes e Contextualização do passado. A frequência de registro dessa última técnica citada na frase anterior foi um impulsionador para que fosse criada uma categoria que correspondesse com esse elemento. Já que Cariello faz diversas referências ao passado do personagem para que o público pudesse entender sua caminhada até o presente momento do texto.

O perfil 6 e último da lista é Laerte em trânsito. O texto foi escrito pelo próprio organizador do livro, Fernando de Barros e Silva. O repórter-autor conta, em 25 páginas, a história da cartunista Laerte Coutinho ao se assumir como mulher trans, sendo uma figura pública.

Apesar de ser o último da lista, o perfil foi o primeiro a ser analisado, por uma questão puramente preferencial da autora da monografia. A narrativa construída por Barros e Silva trás todos os elementos do JL, usados no estudo. Com um destaque para a Imersão, pois o repórter-autor mostra no texto que realmente acompanhou Laerte em diversas ocasiões. Inclusive, esteve em sua casa, e a descreve no final do perfil. Dando a impressão ao leitor de que este transpassou por diversas camadas

da personagem, conhecendo cada parte sua, até chegar no local mais íntimo, sua casa. As personagens coadjuvantes também foram um aspecto primordial para o perfil, pois elas possuem participação ativa na história de Laerte.

5. ANÁLISE

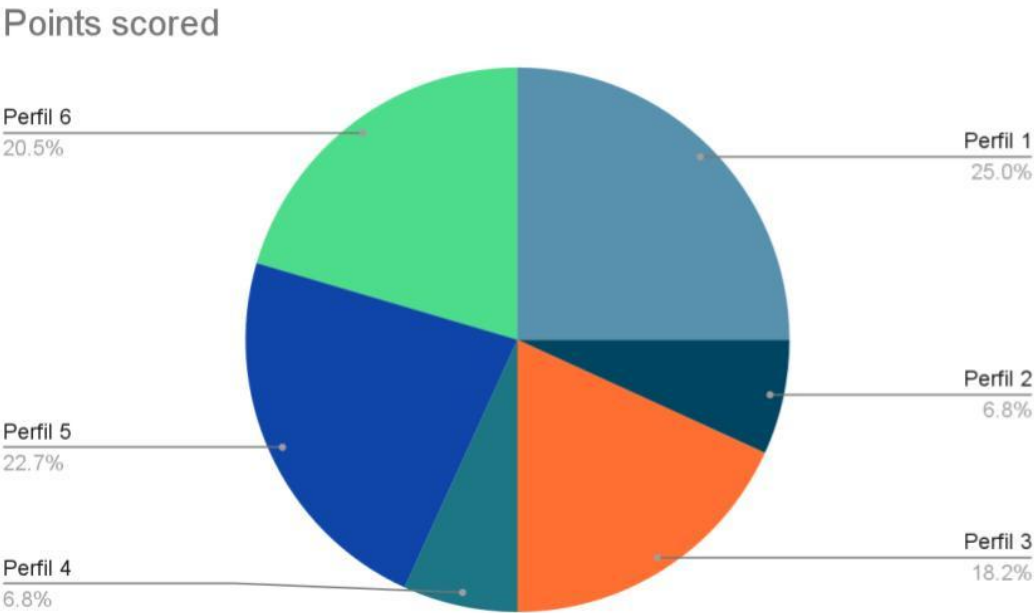
A revista *piauí* é um nome marcante para o Jornalismo Literário no Brasil. Suas reportagens contam mais do que os fatos em si, trazendo uma forte perspectiva humana para as matérias. No caso dos perfis, isso tem mais força, por se tratar de narrativas de pessoas reais. O livro *Tempos Instáveis* traz alguns dos principais perfis publicados pela *piauí*. Portanto, a presente monografia se propôs a analisar essas matérias, por ter uma maior presença dos elementos do Jornalismo Literário, devido a todo o histórico da publicação.

Para realizar a análise dos textos, foram definidas cinco categorias, com base nos elementos do Jornalismo Literário, obtidos das informações presentes no referencial teórico. São elas: Humanização de personagem (HP); Reconstrução de cena (RC); Imersão (I); Contextualização do passado (CP); e Personagens coadjuvantes (PC).

Com as categorias estabelecidas, foram extraídas dos textos unidades de registro que tivessem as características procuradas, de acordo com as categorias. Dessa forma, foi possível realizar a análise quantitativa e qualitativa, proposta na metodologia. As unidades de registro foram contabilizadas, para entender qual é o padrão de frequência em cada perfil. Elas também foram analisadas uma por uma, para entender como o Jornalismo Literário contribui para a construção da narrativa.

O gráfico 1 traz constatações da categoria Humanização do personagem (HP). É possível perceber que o perfil 1 é onde o personagem é mais humanizado de fato. Isso porque a análise levou em conta como humanização do personagem tudo o que compõe esses elementos, desde pontos ruins, até momentos de carinho e intimidade (isso será debatido com mais detalhes na análise qualitativa da categoria).

Gráfico 1 - Categoria Humanização do personagem (HP)

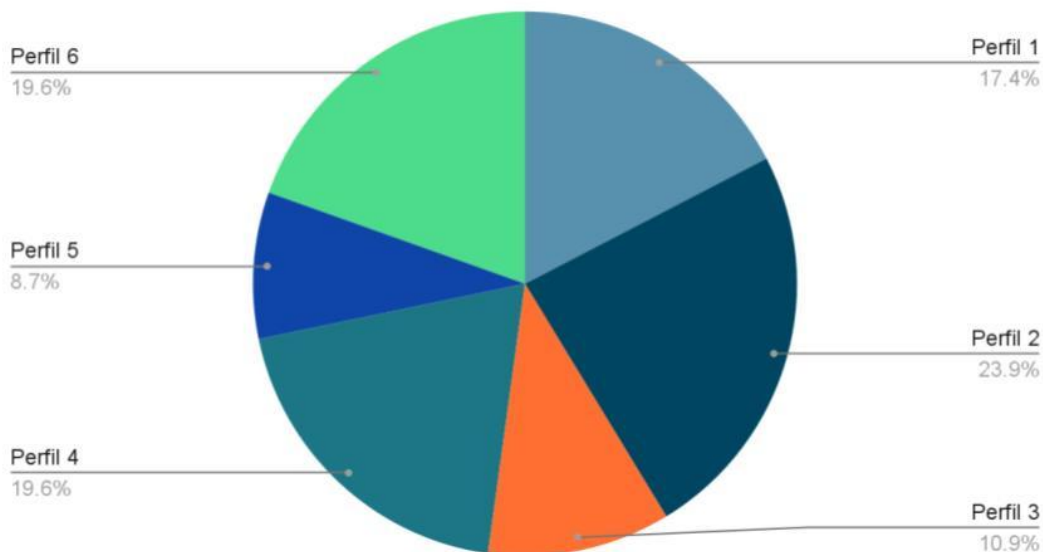


Fonte: Dados da pesquisa

No gráfico 2, é possível ver que a maior quantidade de Reconstrução de cenas pertence ao perfil 2. Na narrativa, a repórter-autora acompanhou o personagem em diversas palestras pelo Brasil, mas ela não teve tanto contato com ele. Então, o grande fio condutor da narrativa foi descrever as cenas e momentos em que o personagem se encontrava.

Gráfico 2 - Categoria Reconstrução de cena (RC)

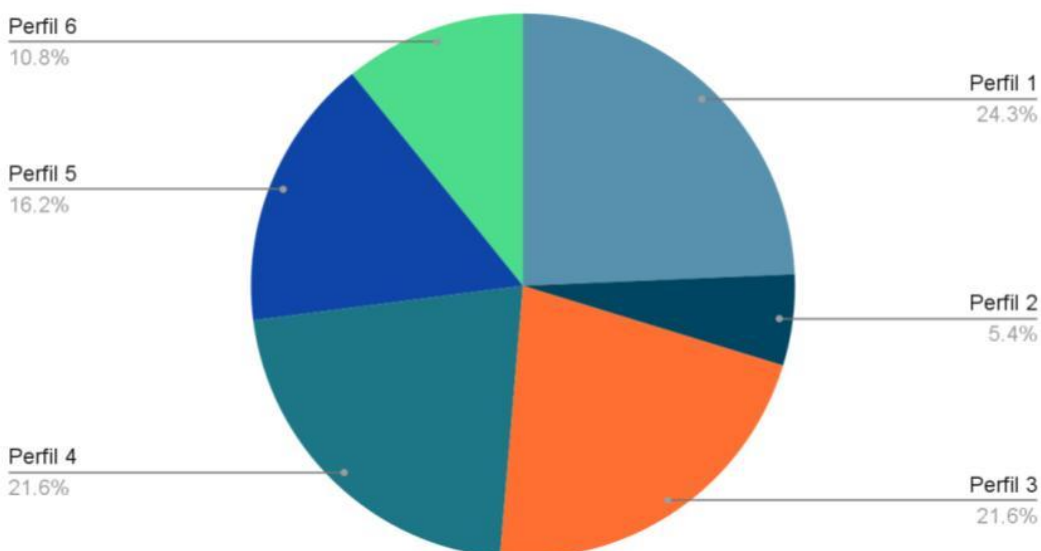
Points scored



No gráfico 3, o perfil 1 foi o que mais teve frequência de Imersão. A repórter-autora conta ao leitor que ela conviveu 10 dias com o personagem. Inclusive, viajou com ele para outro país. Isso justifica um maior aprofundamento, comparado aos outros perfis, já que ela teve mais interação com o personagem principal do que qualquer outro repórter-autor, o que inclui ela mesma, pois também escreveu o perfil 2.

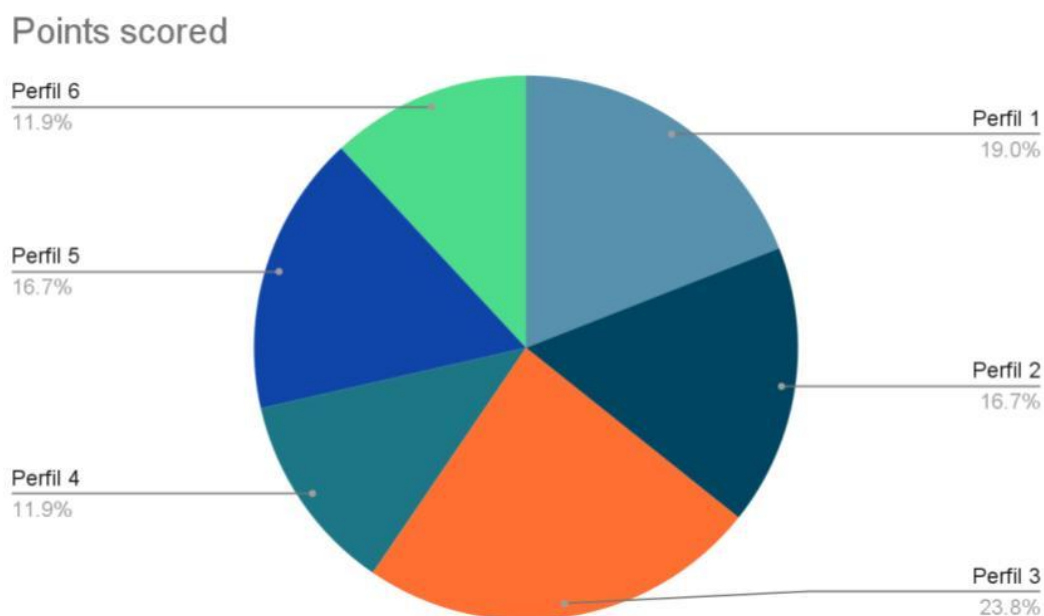
Gráfico 3 - Categoria Imersão (I)

Points scored



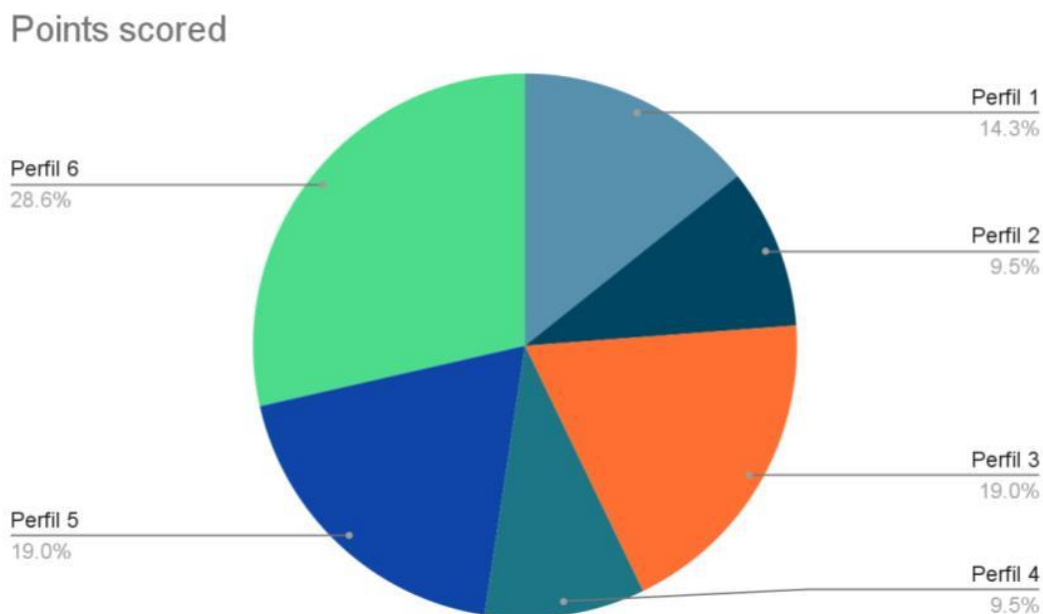
Onde mais há Contextualização do passado é no perfil 3, como mostra o gráfico abaixo. A repórter-autora coloca no texto não só a história do personagem, mas também do seu partido. Ela fala sobre a ligação do PMDB com o cargo de vice-presidente, o que explica diversos acontecimentos que virão no decorrer da trama.

Figura 5 Gráfico 4 - Gráfico da Categoria de Contextualização do passado (CP)



O perfil 6 possui mais personagens coadjuvantes, comparados aos outros perfis do livro. Isso porque a personagem possui uma trajetória de mudança de gênero. Um evento dessa magnitude requer a presença e participação de mais pessoas, como familiares e amigas. Portanto, a história da personagem no perfil 6 se torna mais complexa do que as demais, algo que ocasiona no surgimento de mais personagens secundários.

Gráfico 5 - Categoria Personagens coadjuvantes (PC)



Em todos os perfis, há a presença das categorias criadas para a análise deste objeto. Com destaque para Humanização de personagem (HP) e Imersão, pois apareceram de forma mais recorrente nos textos. A seguir, a análise qualitativa das unidades de registro por categoria.

5.1 Humanização do personagem (HP)

Como foi visto no referencial teórico (capítulo 3.1), Molina (2017) destaca que a Humanização de personagem é um dos elementos mais importantes do Jornalismo Literário. Para identificar a HP nos perfis do Tempos Instáveis, foi preciso atenção a indicadores específicos. A linguagem corporal e as expressões faciais fazem parte dessa gama, como colocam Lima (2004) e Vilas-Boas (2014). É por meio de ambas que os repórteres-autores conseguem identificar comportamentos e reações dos personagens diante a assuntos controversos ou momentos de felicidade. Também é possível identificar aspectos da própria personalidade dos personagens por meio de pequenos trejeitos, gestos e atitudes.

No perfil 1 é possível identificar momentos reativos de Ricardo Teixeira, perfilado pela repórter-autora Daniela Pinheiro, quando alguém comenta, mesmo que de forma branda, sobre as acusações de corrupção sob ele. Como exemplifica a unidade de registro a seguir:

Quando o assunto surgiu, no terraço do Baur au Lac, ele **apertou os olhos, franziu o nariz como se tivesse sentido um odor pestilento e emitiu um “pfffffffffffff”**, enquanto girava a cabeça para o lado. O gesto se repete todas as vezes que **se fala de uma acusação a ele**, ou da hipótese de um estádio não ficar pronto a tempo da Copa no Brasil. (HP_1_1_312)

Pinheiro traz um padrão na reação do personagem quando este escuta algo que lhe incomoda. Ela destaca os pontos que atingem Teixeira, mostrando que ele também é uma pessoa vulnerável, talvez um pouco egocêntrica, que não se abre a críticas, acusações e falácias do gênero. A humanidade não está apenas nas ações que consideramos heróicas ou boas. A repórter-autora consegue trazer isso ao personagem, lhe depositando uma camada de realidade ao mostrar um lado "feio" seu. Mesmo assim, se defender é uma atitude humana, esperada de qualquer um que esteja sob algum tipo de “ataque”.

Em contrapartida, ela também expõe um lado mais brando de Teixeira, por meio de sua relação com as filhas, especialmente a caçula de 11 anos, Antônia. No texto, podemos perceber que o personagem evita a todo o custo mostrar qualquer abertura para a repórter, além das relações de entrevistado e entrevistadora. Porém, a demonstração de afeto da filha perturba, mesmo que apenas por alguns instantes, a figura inabalável e superior de Teixeira, como mostra a unidade de registro:

São raros os momentos de intimidade, como quando a caçula Antônia abraçou o pai e disse que ele era lindo, tinha um cabelo maravilhoso e que não deveria cortá-lo. Derretendo-se, **ele deixou a cabeça descansar no ombro da menina**. (HP_1_2_325).

Um ser humano não é composto apenas por seu lado contraditório. No caso de Teixeira, a repórter-autora conseguiu traduzir um lado mais amoroso do personagem através da sua interação com a filha. Mesmo que em alguns momentos não seja uma relação leve, pois em outros momentos da narrativa, ele insiste em controlar o vestuário da filha criança. Ainda assim, ele se mostra mais carinhoso e recíproco quando a menina está por perto, também demonstrando afeto com o pai. Pinheiro consegue mostrar que aquele Teixeira dos esquemas na Fifa, que só utiliza marcas caras e que fala comentários maldosos, também consegue ser um pai amoroso.

Outro personagem reativo a palavras de acusação é Delúbio Soares, do perfil 2, também escrito por Daniela Pinheiro. A repórter-autora parece ter esse traço na sua escrita, de humanizar os personagens por meio de seus trejeitos e reações a

termos específicos. Aqui ela destaca três momentos específicos do personagem, como mostra a unidade de registro a seguir:

Quando concentrado numa conversa, costuma **cruzar os braços e enfiar as mãos dentro das axilas** como um personagem de Mazzaropi. Basta alguém mencionar a palavra “mensalão” ou “jornalista” para que, num átimo, troque a risada expansiva pela **carranca pouco amistosa**. Quem o conhece **o define** como leal, aplicado e boa-praça. (HP_2_3_358).

No primeiro, ela ressalta um trejeito seu quando se concentra em um conversa, algo comum em um ser humano, mesmo que esse não perceba. Depois ela fala sobre sua reação a palavras, em especial as que estão ligadas a seu processo, por serem gatilhos de um momento difícil para sua vida. Por último, ela traz algumas definições de pessoas próximas a ele, que parecem o defender a qualquer custo (algo recorrente no capítulo Personagens coadjuvantes).

As reações dizem muito sobre os personagens. Nas unidades de registro citadas, ambas condizem com as personalidades dos perfilados, portanto, acaba não gerando tanta surpresa ao leitor. Porém, no perfil 3, Michel Temer se mostra um pouco diferente do que a pessoa que sua imagem pública tenta transmitir. Consuelo Dieguez conversa com Temer sobre um outro assunto, ligado a seu possível novo cargo na época, como vice-presidente da República. Entretanto, o peemedebista para a conversa para atender um telefonema da esposa sobre a saúde do filho mais novo:

Durante o almoço, o deputado atendeu a um telefonema da mulher. Tapou o bocal e perguntou, abaixando a voz: “**O Michelzinho melhorou da tosse?**”. (HP_3_4_354).

Na realidade, essa é uma atitude esperada de qualquer pai. Mas no caso de alguém como Temer, que se encontrava em um compromisso oficial, foi algo um tanto surpreendente. O diálogo trazia um cunho amoroso para com o filho, onde o personagem mostrou preocupação com a saúde da criança. Ao retratar esse momento, Dieguez mostrou que o personagem também é um pai cuidadoso, preocupado e, por atender a ligação em meio a um compromisso, presente.

Temer mostra outras facetas que distorcem a visão comum que há sobre ele. Além da poesia que o na época deputado federal apreciava consumir e escrever, a próxima unidade de registro mostra um Temer emocionado ao recordar a morte do irmão:

Numa folha havia um poema maior, que ele escrevera para um irmão morto. **“Recordo-me agora, toda vez que o violino toca...”**, começou Temer, mas a voz lhe faltou e os **olhos se encheram de lágrimas**. Passou para outro. (HP_3_5_355)

Ele percebe uma possível vulnerabilidade e para de ler imediatamente. A repórter-autora conseguiu captar um momento importante, capaz de gerar uma outra imagem de Temer. Quando uma pessoa se mostra de uma forma em público, aquela representação fica atrelada a ela, trazer outras características é importante para quebrar essa concepção prévia e rasa sobre um personagem, algo importante para trazer profundidade a sua história.

A mesma coisa ocorre com Delcídio do Amaral, no perfil 4, escrito por Malu Gaspar. Nesse caso, o senador fazia questão de mostrar o quanto havia sofrido na cadeia. Mostrar a vulnerabilidade é tornar uma pessoa mais humana. Em vários momentos, ele relembra o período na cadeia com muita aflição. A repórter-autora utilizou esses relatos para trazer mais humanidade ao personagem e também contou momentos que ocorriam fora da cadeia, com a sua família.

O senador **soube** que colegas seus exibiam no Congresso imagens falsificadas. (HP_4_6_389).

Nesse momento, Gaspar conta algo particularmente difícil para Delcídio, que afirmou que colegas mostravam fotos pornográficas manipuladas de suas filhas no Congresso Nacional. Essa unidade de registro reflete a sensação de impotência e a humilhação que o personagem estava sentindo, algo que também é capaz de gerar empatia e até repulsa no leitor.

Saber as dores dos personagens é importante para humanizá-los. Mas dar a eles características físicas como cor do cabelo, altura e outras ajuda na aproximação destes com a realidade. De volta ao perfil 1, a repórter-autora descreve em detalhes a aparência do perfilado:

Ele tem as **feições pouco marcadas, rechonchudas**. Como anda um pouco curvado, devagar e tem pigarros recorrentes, aparenta mais idade. Parece estar **sempre irritado** porque, mesmo relaxado ou de bom humor, mantém o cenho contraído, como se o sol do meio-dia ou uma forte dor de cabeça lhe atingisse em cheio a fronte. Quando se desarma, ou toma uma taça a mais num fim de noite, **é espirituoso e atencioso com todos**. Ele se veste de maneira formal, padrão: calça marrom, camisa branca, blazer azul com botões dourados e gravata vermelha. Antes de se casar – sua mulher contou – **usava sapato preto com meia soquete branca**. (HP_1_7_315).

No começo do texto, Teixeira parece ser mais um homem da alta sociedade, cheio de si, com um ar de superioridade. Ao dar características físicas e de personalidade, a autora mostra aos leitores como um ser humano pode ser cheio de camadas. Outro aspecto que ela traz é a forma como ele se veste e como algumas coisas mudaram em relação a isso quando ele se casou. É possível imaginar Teixeira adquirindo um estilo próprio, se encaminhando até o guarda-roupas e escolhendo uma roupa de acordo com o seu humor e ocasião.

No caso de Delúbio, do perfil 2, a repórter-autora traz a descrição com um pouco de sentimentalismo. Pinheiro destaca uma impressão sua, devido a uma característica física de Soares:

Mas na maior parte do tempo é **discreto e pouco efusivo**. O **azul raso de seus olhos** reforça a impressão de que ele está **distante e ausente**, como se estivesse pensando em algo inacessível aos demais. (HP_2_8_358).

Uma pessoa "famosa" ou que tem seu nome repetidas vezes na mídia por algum motivo, acaba sendo definida pelo fato que a deixou conhecida. No caso do personagem em questão, as alegações de corrupção contra Delúbio fizeram com que as pessoas apenas soubessem de sua existência por um suposto "desvio de caráter", o que acaba fortalecendo uma imagem única. Quando Pinheiro afirma que seus olhos possuem um tom específico de azul e que remete a possíveis sentimentos, ela faz com que o homem que aparece nos jornais por conta do escândalo do mensalão ganhe um lado humano.

No perfil 3, a repórter-autora possui a preocupação de gerar uma visualização do personagem para o leitor. Não apenas isso, mas as suas próprias primeiras impressões de Temer:

Temer tem **69 anos, é magro e mede 1,70 metro**. Ele tem o hábito de engatar a **ponta dos dedos e puxar as mãos** como se quisesse separá-las. Sua **postura é sempre ereta**, e parece não relaxar nem quando se senta numa poltrona. Quando o entrevistei, vestia terno preto e gravata de seda azul. **A camisa não tinha uma ruga**, apesar de ele ter passado a manhã em reuniões no Congresso. (HP_2_9_343).

A repórter-autora descreve sua forma física, sua roupa perfeitamente passada e até mesmo a forma rígida que ele se senta. Claramente, Temer não se abre com a Diegues, pois ela é uma desconhecida e é jornalista. Mesmo assim, ela consegue trazer descrições do personagem que obteve pessoalmente, além de outros pequenos momentos, já relatados anteriormente e outros que estão por vir.

Um dos enfoques dados ao perfil 5 é a descrição do personagem. Viveiros de Castro é um estudioso com ideias muito combativas. Porém, o repórter-autor destaca que ele não é um homem com uma fala ríspida, brava e na defensiva. Inclusive, o compara a um diplomata.

Viveiros de Castro não é um homem alto. 'Oficialmente', mede 1,68 metro, mas diz que a idade já deve lhe ter roubado 1 ou 2 centímetros. **Tem 62 anos, o cabelo e a barba grisalhos.** O que se destaca em sua fisionomia é o **nariz grande, reto, quase um triângulo retângulo aplicado ao rosto.** Seus gestos são contidos e ele fala numa versão mais atenuada, mais diluída, do sotaque carioca. Em contraste com o discurso combativo, faz lembrar, na prosódia e nos modos, um diplomata. **Afável,** o antropólogo recusa a imagem: a comparação com a elite burocrática do país – espécie de símbolo da vida burguesa bem-comportada – não lhe agrada. (HP_5_10_416).

Além disso, ele descreve aspectos físicos, como altura, cor, barba e cabelo e o formato do nariz. O repórter-autor, mais uma vez, traz para realidade alguém não muito conhecido dos leitores, mas ainda assim uma figura notável da sociedade brasileira.

No caso de Laerte, a descrição física da personagem ganha outra importância. O repórter-autor ressalta pontos cruciais para a nova vida de Laerte, já que a cartunista, ao assumir sua identidade como mulher trans, age como tal:

Laerte vestia uma minissaia jeans (“**Não muito curta, tenho 61 anos**”) e uma blusa branca de botões, estampada com flores miudinhas. Usava maquiagem discreta no rosto, um colar de pedras coloridas e cinco ou seis pulseiras. Tinha as unhas das mãos pintadas de vinho e as dos pés, de vermelho cintilante. Calçava sandálias marrons de salto baixo. (HP_6_11_440).

Em certos pontos, Barros e Silva exagera nas descrições, beirando a misoginia. Mas nessa unidade de registro, vemos a caracterização de uma Laerte vestida de mulher e agindo como tal, uma novidade para aqueles que a conheciam como o cartunista Laerte.

Barros e Silva também coloca no texto descrições da personalidade da cartunista, sem trazer enfoques para gênero ou sexualidade, como mostra a unidade de registro a seguir:

Na maior parte do tempo, Laerte é uma figura **muito séria, de fisionomia triste**, marcada pelos sulcos na face, olhos negros e miúdos ligeiramente espantados. Seus sorrisos chegam **quase sempre sem avisar**, como se fossem descargas elétricas súbitas de uma cabeça de alta voltagem, que produz faíscas de humor mais rápido do que é capaz de controlar. **Ri menos dos outros que de si.** Mas não prepara as piadas – elas simplesmente pipocam, como tiros vindos do nada. (HP_6_12_454).

O repórter-autor mostra ao leitor como a cartunista se parece, como se comporta e como interage com as pessoas. Outro momento que traz um enfoque para a personalidade de Laerte é a sua relação com os colegas cartunistas. Barros e Silva ressalta o quanto ela se sentia deslocada até mesmo no seu trabalho, que sempre fora genial.

A admiração, no entanto, não se traduzia em afinidade pessoal. Ela era maior entre Angeli e Glauco, parceiros da boemia e da vida desregrada. “Éramos os dois bandalheiros. O Laerte era o cara que cuidava dos filhos, que fazia isso, fazia aquilo, era todo responsável”, disse, **resumindo numa palavra que o via como alguém “implicante”**. “Às vezes eu e o Glauco mexíamos com uma mulher na rua, fazíamos uma graça qualquer, e o Laerte reagia: ‘Hummm, feio isso.’ Esse hummmm durou muito tempo”, lembrou. (HP_6_13_460)

Como mostra a unidade de registro, os próprios colegas a tratavam diferente, pois ela nunca pensou ou faz coisas igual aos colegas. A humanização da personagem, nesse caso, aparece na forma que Laerte interagiu com pessoas “semelhantes” a ela, mas que, em muitos aspectos, não se pareciam em nada com ela. Algo que pode ou não contribuir para uma solidão e um grande sentimento de não pertencimento.

Por fim, Barros e Silva coloca uma Laerte mais confiante com quem ela é, usando roupas que gosta e acessórios práticos que também aprecia. Mas quando se trata da casa de Laerte e o que ela representa, o repórter-autor deixa aberto para múltiplas interpretações. Nessa unidade de registro, Laerte fala sobre o seu guarda-roupa e o quanto ele está adequado a sua nova vida como mulher. Contudo, ela não consegue dizer o mesmo de sua casa:

De vestido **longo com alças azul-marinho (“Minha roupa de ir à tevê”)** e o **leque preto de sempre nas mãos**, ele prosseguiu: “Do mesmo modo que estou buscando o guarda-roupa adequado à minha pessoa e ao meu sentimento de hoje, poderia estar construindo a minha casa. Mas não tenho móvel, não tenho bosta nenhuma. Tudo é meia-boca. Acho que estou gastando toda a energia com a expressão, com os limites do meu corpo”. (HP_6_14_463).

Algo que pode estar relacionado ao seu interior, já que a percepção que o texto deu foi de que, quanto mais entramos no texto, mais fundo íamos na própria mente da personagem. E a última coisa a ser narrada no perfil foi a sua casa, inclusive, o autor descreve vários detalhes pessoais da personagem espalhados

pela casa. Pode ser que, seu sentimento em relação a sua casa seja o mesmo em relação a si mesmo e que ainda precisa seguir um longo caminho para se encontrar de fato.

Se tratando perfil 5, a contradição na personalidade de Viveiros de Castro está na sua personalidade aparentemente pacífica, mas que esconde um caráter combativo. Cariello ressalta que o antropólogo possui uma fala mansa. Porém, durante o texto, ele revela que o personagem de fato possui opiniões fortes que Viveiros de Castro não se exime em expô-las nas redes sociais:

Boa parte das frases e dos pequenos textos que publicou no Twitter e no Facebook, desde junho, manifestava **entusiasmo pelas manifestações de rua**, das quais ele **evitou participar**, por medo de aglomerações. (HP_5_15_432).

Viveiros de Castro se mostra uma pessoa posicionada politicamente, contudo, não o bastante para protestar nas ruas, defendendo aquilo que acredita. É um lado contraditório do personagem e até mesmo incoerente. Viveiros de Castro é uma pessoa politizada e tem sido assim desde sua juventude. Porém, como ele mesmo explica, o antropólogo não era uma pessoa capaz de sair da própria zona de conforto, pois vivia em uma situação privilegiada:

O tema mobiliza Viveiros de Castro: esquerda tradicional, “careta”, de um lado; esquerda existencial, “libertária”, de outro. A divisão, ele observa, não era apenas intelectual. **Definiu trajetórias pessoais**, “como ir para a clandestinidade e para a luta armada; ou ir para a praia, fumar maconha, tocar violão”. Num texto de memórias, disse admirar seus “companheiros mais corajosos” que se arriscaram na clandestinidade. **Viveiros resolveu ir à praia**. (HP_5_16_424).

Portanto, não se sentia motivado a se arriscar e viver na clandestinidade, como outras pessoas da esquerda. Assim, o repórter-autor consegue descrever um outro tipo de militante na época da ditadura. O que dá a Viveiros de Castro um lado mais humano, com erros e falhas, mas nada que gere ao leitor ódio ou repulsa, apenas uma certa ironia ou desapontamento.

A discordância sobre a pessoa de Viveiros de Castro também é vista na percepção das pessoas sobre ele. O repórter-autor não entra em detalhes sobre como o personagem é visto pelas pessoas, a não ser por breves relatos de personagens coadjuvantes:

Tanto assim que as opiniões sobre o antropólogo carioca se dividem, de maneira marcada. Entre ex-alunos, ele é reconhecido por **gestos de**

generosidade e de correção intelectual. Contudo, são também frequentes os relatos de **arrogância na relação de Viveiros de Castro** com os colegas, o que contribui para o clima de animosidade na instituição. (HP_5_17_430).

Contudo, ele explica que Viveiros de Castro tem uma imagem ambígua para as pessoas que o cercam. Entre os alunos, ele é visto com bons olhos, já entre os colegas, não possui uma boa reputação. Mas nada que o faça uma pessoa de caráter duvidoso, apenas alguém incapaz de agradar a todos.

Já no perfil 3, Dieguez consegue mostrar ao leitor um outro lado da personalidade de Temer. Na unidade de registro a seguir, a repórter-autora demonstra que conseguiu chegar um pouco mais afunda na vida dele:

Cais e Temer dividiam o mesmo quarto na república em que moraram durante os estudos. **Uma das diversões era jogar água da janela em quem passava na rua.** (HP_3_18_345).

Michel Temer é visto como um homem rígido e sério. Dieguez traz essas mesmas características, mas descreve como é conversar com o até então possível vice de Dilma Rousseff. Ela dá mais detalhes sobre o seu português, sem gírias e requintado, o modo ameno como fala, sobre seus vícios de linguagem e trejeitos na hora de falar.

Entretanto, a informação sobre suas molecagens é muito relevante para a personalidade de Temer. Não como uma forma moralista, mas sim que aquele homem sério e rígido também teve atitudes pueris na infância e fazia travessuras para se divertir. A Humanização do personagem vem, nesse caso, com o fato de que o homem de terno e gravata, sempre cordial em público, nem sempre foi dessa forma. Isso aproxima o leitor do personagem.

O perfil 1 traz um momento onde é possível ver, pelo menos em parte, a influência da mãe na personalidade de Teixeira. Ele usa ditados parecidos com os que a mãe usava, o que dá a entender que ele respeita suas origens, sua família era mineira, e mesmo em uma posição de prestígio, ele não deixa de lado características ligadas a suas raízes, como mostra a unidade de registro:

Teixeira é **pródigo em citações folclóricas**, que atribui sempre a sua mãe. Qualquer que seja o assunto. 'Mamãe, que era mineira, sempre dizia...'. ele começa. E daí segue: 'o que não tem remédio remediado está', 'aqui se faz, aqui se paga', 'macaco senta no próprio rabo para falar dos outros'. **Sua expressão predileta para falar da imprensa esportiva é:** "Isso é de quinta categoria! (HP_1_19_315).

De acordo com a análise, a Humanização de personagem está muito presente nos perfis do objeto de pesquisa. Em destaque, está o perfil 6, pois Barros e Silva alia a HP da personagem a temas delicados e pertinentes da sociedade brasileira, o que acentua essa prática em sua narrativa. Por ser uma pessoa com uma personalidade mais forte, Teixeira, do perfil 1, é provavelmente a pessoa menos humanizada entre os personagens estudados. Ainda assim, a repórter-autora expõe todos os lados que o personagem possui, para mostrar a dualidade da sua personalidade.

5.2 Reconstrução de cena (RC)

A Reconstrução de cena (RC) é um dos elementos do Jornalismo Literário que mais aproxima a escrita jornalística da literatura. Wolfe (2005 apud MARTINEZ, 2016) explica que a narrativa de momentos pertinentes à história deve ser contada a partir da perspectiva do repórter-autor. Ou seja, ele irá trazer ao texto o que ele mesmo está presenciando. Um dos grandes objetivos da RC é fazer com que o leitor visualize o que está sendo contado na história.

No perfil 1, a repórter-autora mostra aos leitores como são os locais frequentados pelos cartolas de futebol, em Zurique. Grande parte dos locais são restaurantes e hotéis, como na unidade de registro a seguir:

O presidente entrou às sete e meia da noite num dos seus restaurantes preferidos, o Zeughauskeller. Especializada em salsichão, chucrute e batata rosti, a casa tem a **decoração rústica dos Alpes**, com **mesas longas e bancos de madeira pesada**. Foi recebido em espanhol pela dona, que o conhecia pelo nome e o encaminhou a **uma mesa reservada para quinze pessoas**. Sentou-se, tirou a gravata e arregaçou as mangas. **Os convivas eram cartolas de confederações sul-americanas, suas esposas e assessores**. Parecia um jantar do **elenco do seriado Chapolin**, com muita **tinta acaju, pulseiras de prata, calças de tergal e sobancelhas feitas com um risco em forma de meia-lua**. Estava lá o octogenário Julio Grondona, jefe da Associação do Futebol Argentino. Ele é acusado de ter ganho 78 milhões de dólares para votar no Catar para sede da Copa de 2022. (RC_1_316).

Pinheiro trouxe descrições claras do local, a fim de fazer o leitor imaginar como era o restaurante que os cartolas estavam. Por exemplo, quando ela fala "a casa tem a decoração rústica dos Alpes", é de se imaginar algo nesse sentido, já que eles estão na Suíça, mas ainda assim não diz muito, pois nem todos sabem como é esse tipo de decoração. Mas quando ela complementa citando a forma das

mesas, ela consegue passar uma ideia mais clara sobre a aparência do local. Algo semelhante ocorre com as pessoas presentes. Quando ela compara os cartolas e suas esposas com o elenco do seriado Chapolin, fica uma descrição enigmática. Porém, ela traz descrições mais detalhadas, como pulseiras de prata e calças de tergal. Dessa forma, o leitor consegue ter uma ideia de como era o visual e o clima desse restaurante sem ter a imagem gráfica do momento.

No perfil 2, ela também descreve os ambientes em que Delúbio realiza suas palestras. Nesse caso, grande parte dos locais se parecem, pois o personagem foca em um público específico:

Umas **poucas dezenas de cadeiras de plástico** alaranjadas foram **dispostas em fileiras no acanhado auditório**, diante de uma **mesa de madeira coberta com uma toalha vermelha e a bandeira do PT**. Somente **um dos ventiladores** de teto funcionava e a temperatura ambiente era de estufa. A maioria dos presentes, **de camiseta e chinelo de dedo**, não se incomodava. Delúbio, de terno e gravata, suave como numa sauna. (RC_2_2_359).

A música da dupla sertaneja Cezar & Paulinho **ecoava pelos alto-falantes** e era acompanhada com entusiasmo por parte da assistência. **Fazia frio, 14 graus, e o pátio da sede da Central Única dos Trabalhadores** em Itaquaquecetuba, a 45 quilômetros de São Paulo, **estava lotado**. Umas 200 pessoas, entre crianças, operários, senhoras, representantes de movimentos sociais e religiosos, acomodavam-se novamente em cadeiras de plástico, dispostas diante de um palanque com **uma longa mesa coberta com a bandeira do PT**. (RC_2_3_370).

Em ambas as unidades de registro, a repórter-autora traz ao leitor o momento elementos que se repetem nas palestras de Delúbio, na qual ele dissertou sobre sua defesa diante das acusações de corrupção. Nas cenas, ela mostra que o personagem continuava fiel ao partido, utilizando a bandeira do PT como forma de mostrar que ele ainda falava em nome da sigla. As descrições do ambiente também ajudam a entender o tipo de local e pessoas que Delúbio optou para fazer sua defesa.

Repetir a descrição de um mesmo ambiente também é feito no perfil 4. Gaspar conta durante o texto diversas vezes o momento que Delcídio está acompanhando o impeachment de Dilma:

O senador sentou no sofá, cruzou as pernas e estendeu os braços ao longo do encosto. À sua frente, sobre **uma mesinha redonda coberta por uma bandeira dos estados confederados americanos, salgadinhos, refrigerantes e água**. Usava camisa de linho lilás para fora da calça, jeans claro e sapato social. Alguns poucos parentes assistiram com ele à

transmissão pela tevê – **entre eles a mãe, Rosely, e o irmão, José Ramon, o núcleo duro da família Amaral.** Haviam se reunido para dar apoio ao membro mais ilustre do clã. (RC_4_4_382).

Nessa unidade de registro, a repórter-autora descreve uma cena com extremo conforto e preparação do senador para ver o momento na televisão e ressalta que a família também se juntou a ele. Se antes o leitor não sabia desse fato, pois ele não se encontrava presente na Câmara durante o impeachment, agora é possível saber que ele não só acompanhou o processo, como também preparou todo um aparato para estar no maior conforto possível.

Além disso, ela traz ao leitor relatos exclusivos da passagem do personagem na prisão, dando descrições detalhadas da cela de Delcídio, por exemplo. Essa informação não foi vivenciada por Gaspar, ela foi transmitida por meio de conversas com as fontes:

Uma sala de nove metros quadrados, sem banheiro, com uma cadeira de plástico e uma cama. Num canto, uma pequena **bancada de madeira funcionava como mesa.** Do lado de fora do estreito basculante lateral, **tapando a vista e impedindo a circulação de ar, havia um gerador a diesel.** (RC_4_5_383).

Mesmo que ela não tenha visto o local, ela ainda integra uma riqueza de detalhes. No trecho “uma sala de nove metros quadrados, sem banheiro...” já passa ao leitor uma noção de precariedade, o que pode, ou não, gerar empatia. Isso se repete ao final do impeachment quando, em sua sala, o personagem abraça sua mãe para comemorar o resultado do processo, pois via como um tipo de compensação pelo o que ele havia vivido:

"Acabou". **Levantou-se e foi abraçar a mãe,** que estava sentada numa poltrona do bar. "Mãe, pelo nosso sofrimento! Pelo futuro!". **Os dois choraram juntos.** Ao sentar-se de novo na poltrona vermelha, o senador continuou tentando definir o que sentia. (RC_4_6_403).

Nessa unidade de registro, Gaspar mostra o impacto da decisão do impeachment na família que estava assistindo. O trecho onde essa constatação fica mais clara é quando a repórter-autor diz "os dois choraram juntos", mostrando o quão sensível aquele momento estava sendo.

No perfil 6, Barros e Silva também traz uma descrição de ambiente com um cunho sentimental, mas que visa trazer outro tipo de efeito no leitor. A história de

Laerte evidência muitas situações de transfobia, e o repórter-autor as destaca na narrativa, para mostrar que de fato isso faz parte da vida das personagens:

A pergunta do garçom se dirigia à mesa, indistintamente, **onde havia quatro pessoas**: uma professora da Universidade Federal do Paraná, Laerte, Márcia Rocha e eu. (RC_6_7_448).

Durante o almoço, Laerte **se levantou para ir ao banheiro duas vezes**. Na primeira expedição, **usou o feminino**. Na segunda, anunciou que iria **“conhecer o banheiro masculino, para comparar”**. Voltou com questões: Por que o banheiro masculino é invariavelmente mais sujo que o feminino? Será apenas uma decorrência da anatomia de cada sexo? Por que o fraldário, ali como em todos os lugares, fica dentro do banheiro feminino? Por que é tão natural a ideia de que são as mulheres que devem trocar as crianças? (RC_6_8_448).

Na cena com o garçom, Barros e Silva narra um momento transfóbico, onde as personagens (e ele) são servidas por um homem de cara fechada e que fala de forma ríspida. Sobre o momento em que Laerte vai até o banheiro, o repórter-autor compara com uma “expedição”. Isso porque para a personagem, a ida ao banheiro não é algo simples, mas sim uma situação difícil que pode lhe gerar estresse e humilhações. Na unidade de registro, é possível ver uma RC para, não só sensibilizar o leitor, mas para conscientizar sobre um problema não tão debatido popularmente.

Cariello não possui tantas pretensões ao reconstruir cenas no perfil 5. Na verdade, as cenas são corriqueiras e, em sua maioria, mostram o personagem fazendo coisas fora da sua persona de intelectual, como é o caso da unidade de registro a seguir:

Num **domingo de céu sem nuvens**, ele caminhava por **entre os arbustos distribuídos no terreno gramado**. Levava um cajado de madeira quase do seu tamanho. Usava-o sobretudo para apontar as frutas de nomes estranhos, que eram sempre apresentadas de outras, mais conhecidas. (RC_5_9_418).

Na época em que o repórter-autor escreveu o perfil, Viveiros de Castro era um dos intelectuais mais importantes da atualidade, no mundo. Colocá-lo em cenas que mudam o imaginário das pessoas em relação a ele é contribuir para o conhecimento popular de um indivíduo interessante e autêntico.

5.3 Imersão (I)

A Imersão (I) é a técnica na qual o repórter-autor irá presenciar detalhes, momentos, entre outras observações que ocorrem a partir de seu contato com o personagem. No texto, essa prática pode ser percebida quando há a presença do repórter-autor na narrativa, por meio de frases ditas em primeira pessoa ou percepções que claramente são do próprio narrador.

O perfil 1 exemplifica essa constatação. Em vários momentos, Pinheiro mostra ao leitor percepções dela a respeito do personagem, pois ela o acompanhou por 10 dias (mais para frente isso será debatido em mais detalhes). Portanto, ela conseguiu extrair muitas reações e detalhes de Teixeira:

Parecia imune à catadupa de incriminações de corrupção dos dirigentes da Fifa – ele inclusive, e com realce. (I_1_1_312).

Quando ela inicia o trecho com "parecia imune...", ela assume que, depois de conversar e conviver com Teixeira, ele parecia não ser atingido pelas incriminações de corrupção. Ou seja, ela mesma captou aquele detalhe.

A mesma coisa ocorre no perfil 6, quando o repórter-autor destaca a temperatura que ele próprio sentia no momento do encontro com Laerte, além de trazer uma breve descrição da roupa da personagem. Ele coloca no texto algo que vivenciou com a personagem, mesmo sendo apenas sobre o clima, dá a sensação de detalhamento, onde um observador traz ao leitor os principais aspectos de sua convivência com a personagem. Inclusive, faz isso várias vezes ao longo do texto, como as unidades de registro sugerem:

Fazia calor intenso naquela tarde paulistana de dezembro. Laerte vestia uma minissaia jeans. (I_6_2_440).

É comum que estique uma argumentação até o limite para, logo em seguida, dar meia-volta e inverter o sentido do pensamento, levando-o ao outro extremo, como alguém que submete de maneira quase instantânea suas ideias à contraprova. **Sua cabeça funciona** muitas vezes como um bumerangue – vai numa direção, volta noutra. (I_6_3_441).

Na segunda unidade de registro, Barros e Silva traz um grande detalhamento. Ele fala ao leitor algo que observou na pessoa de Laerte, como "sua cabeça funciona muitas vezes como um bumerangue...", algo atribuído a personagem pelo próprio repórter-autor, de acordo com a sua conversa com ela. Faz isso mais uma vez, durante uma conversa com a personagem sobre a morte do filho Diogo:

“A morte do Diogo de maneira alguma me alucinou. Não me tirou a razão nem me deixou enlouquecida. Não foi isso.” **Laerte parou um segundo e respirou mais fundo.** (I_6_4_458).

O repórter-autor traz apenas uma fala de Laerte "parou um segundo e respirou mais fundo", para mostrar ao leitor que aquele assunto sensibiliza a personagem. Aqui ele não se coloca no texto, mas fica implícito que foi um detalhe captado por Barros e Silva, durante uma conversa entre eles.

De volta ao perfil 1, a repórter-autora também imerge de forma mais direta no texto. A começar por suas perguntas, que fazem parte da narrativa, como mostram as unidades de registro a seguir:

Perguntei se Teixeira precisava dele para se eleger. “Claro que não, burro é uma coisa que ele não é”, respondeu Havelange. “Se a senhora um dia tivesse que definir a malandragem, no bom sentido, claro, ela se chamaria Ricardo Teixeira.” (I_1_5_322).

Quando **perguntei** o que lhe havia chamado a atenção em Ana Carolina, ele não respondeu (para desconsolo da mulher). (I_1_6_326).

Em ambos os casos, é possível perceber que ela se insere no texto de vez como uma entrevistadora, ou seja, assume esse papel, além do de narradora. Pinheiro também mostra que não só conversou diretamente com Teixeira, mas também com sua esposa. E outra vez, ela destaca a pergunta que fez durante a entrevista. Ela volta a fazer o mesmo mais para frente no texto:

A eleição da Fifa ocorrera há uma semana e ninguém mais falava dela. Quando **encontrei** Teixeira, **quis saber** se a situação era como dizia o anel de seu amigo Grondona: Todo pasa. Ele riu, **botou a mão no meu ombro** e disse: “O feio é perder, minha querida. Quando ganha, acabou. (I_1_7_331).

Pinheiro fala diretamente ao leitor que ao encontrar Teixeira, ela fez uma pergunta um tanto enigmática, mas que fazia referência a um assunto no qual ambos sabiam do que se tratava. Ela ainda ressalta que ele disse a afirmação colocando a mão no ombro dela, possivelmente um gesto amigável.

A repórter-autora também se coloca de outra forma no texto, de uma maneira mais “participativa”. Na primeira, Pinheiro conta que ela conviveu com o personagem por 10 dias. Foram muitos dias de convivência, e isso é visto nas Imersões do texto, geralmente muito detalhadas. Na unidade de registro a seguir ela traz uma informação característica de Imersão :

Nos dez dias em que **convivemos**, riu às lágrimas em duas ocasiões. Na primeira, ao contar a história, que jurou ser verdadeira, de duas brasileiras do interior que entraram num elevador do Hotel Plaza, em Nova York, com o jogador de basquete Michael Jordan e o cachorro. Sem saber de quem se tratava, e alertadas para a violência na cidade, vinda dos negros, elas se agacharam em pânico quando ele ordenou sit! ao animal. A outra foi sobre ladrões portugueses que, ao explodir um caixa eletrônico, botaram fogo no dinheiro. (I_1_8_315).

A interação com o personagem foi tanta, que ela pôde identificar aspectos pessoais dele, por exemplo, situações que o fazem chorar de rir. Outra participação de Pinheiro no texto aparece em três momentos que envolvem refeições:

Parecia cansado, mas sugeriu que **tomássemos** um último café no salão de chá. Meio em inglês, meio em espanhol, pediu um expresso com um pouco de água quente em separado. (I_1_9_317).

Às cinco e meia da tarde, Teixeira disse que precisava dar uns telefonemas, avisou que **jantaríamos** às oito e subiu para o quarto. (I_1_10_324).

Nos almoços e jantares com Ricardo Teixeira (**que nunca me permitiu pagar nem um café em sua companhia**), todos são instados a dar palpites sobre a burocracia do futebol, sobretudo da Copa, e a comentar fofocas políticas. (I_1_11_325).

A repórter-autora parece ter incluído as unidades de registro com o intuito de mostrar ao leitor sua convivência com o personagem. Ela conta uma percepção que teve de Teixeira, ao achá-lo cansado. Ela ainda destaca que ambos foram tomar café juntos na parte onde escreve "...mas sugeriu que tomássemos..." e "...avisou que jantaríamos às oito..." Ambos sugerem uma real interação entre ela e seu personagem.

Na terceira unidade de registro citada, Pinheiro traz duas informações aos leitores. A primeira é que Teixeira se sentia na obrigação de prover tudo a ela. Isso pode ter diversos motivos, mas a repórter-autora não consolida nenhum, ela deixa aberta a interpretação do leitor. A segunda informação é a respeito do tipo de conversa que geralmente tem com o personagem e como ele interage em um diálogo com ela.

No perfil 2, Pinheiro também coloca as perguntas que fez durante a entrevista no texto. Ela destaca sua voz de entrevistadora na narrativa, algo que mostra ao leitor que ela conversou com a fonte sobre o assunto:

Como Delúbio havia falado naquele dia a um número reduzido de pessoas, e só a convertidos, **lhe perguntei** se valera a pena ter ido de Goiás à Bahia.

“Sim, valeu porque um vai falando para o outro, vai explicando o que é o caso no boca a boca”, disse. Não seria importante falar também com quem tem poder sobre o noticiário, como fazia José Dirceu? “Não. Eu não sou o Zé Dirceu”, respondeu, seco. “Esse processo vai ser esclarecido, nem que seja in memoriam. Eu não tenho pressa”, continuou. Quando ensaiava mais uma pergunta, **ele me cortou**: “Isso aqui está virando entrevista. E eu não dou entrevistas. (I_2_12_365).

Mas no final também mostra ao leitor que essa era uma técnica que não funcionava com Delúbio, devido a sua renúncia em conversar com a imprensa. Apesar disso, ela consegue informações ao redor do personagem, como mostra a unidade de registro a seguir:

Antes de ir embora, Delúbio Soares pediu ao **filho de um amigo que me desse uma carona**. No caminho, o rapaz comentou a palestra e o processo. “O meu pai sempre falava que o Delúbio era um soldado, ficava impressionado como ele aguentou tudo sozinho, ninguém acreditava naquilo”, disse. “É incrível, porque ele nem queria continuar sendo tesoureiro do PT. Ele queria ir para o governo, mas o Lula não deixou. O presidente quis que ele ficasse nessa posição, achava que ele era a única pessoa na qual confiava para cuidar das finanças do partido.” Quando o carro parou numa encruzilhada, ele disse em tom melancólico: “Ele é pobre, sabia? Ele não tem nada, mora de favor na casa da sogra.” (I_2_13_366).

Mesmo o personagem principal não se abrindo totalmente com ela, ainda assim a ajudou a conseguir uma carona. Como ela não pode acompanhar Delúbio naquele momento, ela passa a ser o fio condutor da narrativa, pois volta a destacar suas conversas com os personagens. Isso pode ser percebido quando ela fala “no caminho, o rapaz comentou a palestra...” Fazendo uma clara referência a sua breve convivência com a fonte.

No perfil 3, Dieguez segue quase a mesma linha de Pinheiro. Por exemplo, ela também coloca no texto sua pergunta, além de destacar sua participação na narrativa, ao lado do personagem principal, que nesse caso é Michel Temer:

Perguntei a Alencastro, que é titular da cátedra de história do Brasil na Universidade Sorbonne, se Lula e o PT, por trás de Dilma, não poderiam estabelecer um equilíbrio de forças. “Ninguém sabe onde Lula estará no próximo governo e o PT não tem liderança no Parlamento”, disse o professor. (I_3_14_342).

Na unidade de registro, é possível ver que o personagem concede à repórter-autora a informação. Mas ela se coloca no texto, a fim de deixar claro que quando foi ao seu encontro com Temer, ela mesma havia conseguido essa informação. Na próxima unidade de registro, o tema é retomado, mas dessa vez com o personagem principal:

Perguntei-lhe o que achara do artigo de Luiz Felipe de Alencastro. “Ele faz uma pregação de que é um risco eu ser vice”, disse. “Eu, claro, não vejo dessa maneira. A minha presença só fará aumentar a interlocução do governo com o Congresso.” Afirmou que não será “um vice que atrapalha”. E rechaçou a tese de que sua influência no Congresso deixaria Dilma Rousseff vulnerável: “A ex-ministra conhece muito bem o país e os seus problemas por força dos cargos que ocupou.” O PMDB no governo, sustentou, dará maior tranquilidade ao Planalto. “Nós garantimos a estabilidade do real e, no governo Lula, apoiamos os programas sociais”, completou. “Cito isso para me opor à tese dos que dizem que o PMDB é fisiológico.” (I_3_15_343).

Aqui ela traz de volta a conversa com Alencastro, sem mencionar que esteve em contato com ele. Dieguez se coloca no texto, novamente por meio de uma pergunta. Mas o destaque fica para as aspas do personagem, respondendo os questionamentos da repórter-autora. Além das perguntas, a repórter-autora coloca outras observações, como mostram as unidades de registro a seguir:

Indaguei se fora educado para se comportar dessa forma. Disse que não. Enganchou as mãos novamente, puxou-as e arriscou uma explicação: “Você sabe, eu tinha um irmão que era muito formal e elegante no trato com as pessoas. Ele serviu um pouco de modelo. As pessoas gostavam dele. Eu acho que não se pode confundir cerimônia com antipatia.” (I_3_16_344).

No PMDB, não existe constrangimento com a investigação da PF. E menos ainda com o pouco entrosamento entre Temer e Dilma. O deputado Moreira Franco ironizou quando eu lhe disse que os dois protagonizavam um casamento arranjado. “Se na Índia dá certo, por que não poderia dar certo entre eles?”, **perguntou-me**. “Às vezes, é melhor um casamento arranjado, quando o casal vai se conhecendo e aprendendo a se gostar, do que aquele nascido da paixão que depois acaba”. (I_3_17_353).

Dieguez não coloca apenas suas perguntas no texto, mas também suas constatações, quando afirma “...eu lhe disse que os dois protagonizaram um casamento arranjado”. Ela destaca uma frase dita por ela própria para que o leitor saiba dessa informação pelas palavras da repórter-autora, um pouco antes de trazer a resposta de Moreira Franco. Na segunda unidade de registro, a repórter-autora parte para assuntos pessoais. Ela ressalta que percebeu um detalhe em Temer, o seu intenso decoro. E pergunta, de forma direta, sobre a origem das maneiras do personagem.

Gaspar usa a mesma técnica de Imersão no perfil 4. Ela acompanhou o impeachment de Dilma ao lado do personagem e sua família, como mostra as próximas unidades de registro:

Na noite da votação do impeachment, **perguntei** a Delcídio se Lula lhe fizera o pedido diretamente. (I_4_18_396).

Depois **me olhou** com um ar meio divertido e arregalou os olhos: "Pois é. E agora?". **Perguntei** se o fato de a Dilma evitar os corruptos não contava a favor dela. "O problema é o porquê. Ela agiu por soberba. Pensava que iria sair limpa. E só quando percebeu que o troço estava começando a chegar perto foi que tentou se envolver". (I_4_19_400).

A repórter-autora não nos dá uma noção de quanto tempo se encontrou com o personagem, como no caso do perfil 1. Porém, ela mostra ao leitor que esteve com Delcídio, em um local muito pessoal para ele (no pub do irmão), acompanhando o processo pela TV junto a ele e sua família. Na segunda unidade de registro apresentada também há uma pergunta, mas ela começa ressaltando uma interação com o personagem.

Apenas descrever a expressão de Delcídio poderia não dar a dimensão que "depois me olhou com um ar meio divertido..." trouxe ao texto. Gaspar traz ao leitor um momento cara a cara com a fonte, onde ela participa da narrativa. Mesmo estando no texto, ela assume o papel de entrevistadora ao colocar suas perguntas na narrativa:

A certa altura da votação, **perguntei** se ele preferiria estar lá, na Câmara. "Claro! Esse é o jogo que eu sei jogar. E o jogo como poucos. Eu sei o que cada um precisa", disse ele assim mesmo, no presente. (I_4_20_400).

Mesmo que seja implícito ao leitor que a pergunta e respostas são frutos de uma entrevista, essa unidade de registro possui um tom de conversa. O que pode ter facilitado para a repórter-autora obter informações do personagem. Essa proximidade com Delcídio pode ser observada em outras unidades de registro:

Quando telefonei naquela noite, ele me disse: "Eu sabia que isso ia acontecer. No fundo, é até um alívio". E, desde então, passou a se referir a Renan Calheiros com "o Cangaceiro". (I_4_21_410).

Dez dias depois, **encontrei** Delcídio mais uma vez. (I_4_22_410).

Na primeira unidade de registro, Gaspar mostra que imergiu tanto na história do personagem, que acompanhou cada processo seu após a primeira conversa entre os dois. Inclusive, ligou para ele assim que soube de sua cassação. E depois, o encontrou pessoalmente para continuar a conversa. Outra informação que ela disponibiliza ao leitor é o fato de que, um mês após a prisão de Delcídio, eles começaram a conversar:

Quando **o visitei** pela primeira vez, em São Paulo, um mês depois da quinta-feira fatídica, ele já havia virado a chave. Discorria animadamente sobre os bastidores da delação e as dificuldades do governo, ao som de uma trilha de blues e rock 'n' roll que saía da jukebox do pub transformado em bunker. (I_4_23_407).

Ela se coloca no texto, como uma forma de demonstrar a disponibilidade que Delcídio teve para com ela. Algo reforçado na segunda parte da unidade de registro, quando ela destaca que ele já não era mais o homem traumatizado e cabisbaixo de antes. Depois do resultado do impeachment de Dilma, a repórter-autora encerra o texto destacando algo da conversa com o personagem:

Ao ler a entrevista, **lembrei** de uma frase que ele disse em uma de nossas conversas: "A política é a única atividade em que o cara ressuscita mais uma vez". (I_4_24_411).

Ela mesma disserta no texto sobre uma frase que o próprio personagem a disse. Além disso, ela traz um destaque à própria entrevista, também assumindo esse papel, além de narradora. Gaspar demonstra o quanto essa fala a marcou, pois se encaixaria perfeitamente com os acontecimentos da época, como o impeachment e a prisão de Lula.

A participação do repórter-autor do perfil 5 nessa unidade de registro, é mais branda. Ele se coloca na narrativa como entrevistador e observador, seguindo o personagem em sua residência particular:

Quando **voltamos** para a sala da casa, **pedi** que Viveiros de Castro falasse sobre a ideia que o projetou. A síntese da metafísica dos povos "exóticos", a que se referia Lévi-Strauss, surgiu em 1996. Ganhou o nome de "perspectivismo ameríndio" (I_5_25_419).

O termo "voltamos" deixa claro que Cariello se refere a ele mesmo e ao personagem. Portanto, ele imerge no texto, colocando a vista do leitor sua participação na narrativa. Mas ele não apenas participa, de forma isolada. O repórter-autor começa a se expressar dentro dos parâmetros de Viveiros de Castro:

Já fazia alguns minutos que Déborah tinha se **enfurnado** dentro da casa, enquanto o antropólogo falava de peixes, antas e urubus. (I_5_26_420).

Ele fala de uma forma quase íntima da esposa do personagem, ao dizer que ela havia "se enfurnado dentro de casa". Cariello coloca essa observação de uma maneira que talvez Viveiros de Castro tivesse dito, para combinar com a linguagem mais despretensiosa que o personagem principal carrega.

5.4 Contextualização do passado (CP)

A Contextualização do passado foi uma categoria nova, criada para analisar especificamente o objeto de monografia. Vilas-Boas (2014) explica que o perfil é a narrativa de uma vida no presente. Mas é necessário contar sobre suas experiências passadas, como local onde cresceu, começo de carreira, início de relacionamentos etc. Dessa forma, as ações e escolhas do presente possuem maior embasamento, para que o leitor entenda o porquê dos acontecimentos atuais.

No perfil 1, é possível ver como a repórter-autora contextualiza a vida do personagem. Ela mostra quais são as raízes de Teixeira, onde o personagem nasceu e cresceu, como mostra a unidade de registro a seguir:

Filho de um funcionário do Banco Central e de uma dona de casa, **Teixeira nasceu em Carlos Chagas, no interior de Minas Gerais**. Foi **criado em Belo Horizonte**, mas ainda na infância se mudou para o Rio. **Estudou em Santo Inácio**, escola tradicional carioca onde aprendeu francês com um padre (se comunica bem em portunhol e tem um inglês infra básico). (CP_1_1_314).

Pinheiro traz a contextualização da vida de Teixeira em um momento mais avançado da narrativa. Isso dá a impressão de que a repórter-autora quis primeiro apresentar o personagem por quem ele é, depois, ela começa a contar a sua história. Ela também fala sobre os primeiros contatos do personagem com o futebol, crucial para a história:

Na adolescência, **chegou a integrar** a equipe de vôlei do Botafogo. Futebol nunca foi o seu forte. Torce pelo Atlético Mineiro e pelo Flamengo. **Em 1968**, ele estava no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, o CPOR, de onde observou a radicalização da ditadura militar. (CP_1_2_314).

Nessa unidade de registro, o leitor consegue entender uma espécie de começo da relação do personagem com o futebol. A repórter-autora ainda mostra que ele não tinha tanto apego assim ao esporte, mas como todo o brasileiro, tem um time do coração, nesse caso, dois. Depois da contextualização da ligação do personagem com o futebol, a repórter-autora fala sobre o início da carreira de Teixeira:

Graças aos contatos de João Havelange, **fez cursos e estágios** em Zurique e em Nova York. Foram as **suas primeiras viagens ao exterior**. (CP_1_3_315).

Pinheiro mostra o quanto a ligação entre Teixeira e Havelange é antiga, pois o ex-sogro o acompanhou desde o início de seus estudos. Além disso, a unidade de registro mostra que o personagem possuía muitos privilégios, que fizeram diferença em sua trajetória profissional.

A repórter-autora também contextualiza o passado das polêmicas de Teixeira. Pinheiro conta sobre um momento entre os jogadores da CBF, no qual o personagem foi acusado de fazer “vista grossa” para um excesso de bagagem:

O avião que trouxe a Seleção de volta ao Brasil, depois de ganhar a Copa do Mundo nos Estados Unidos, **em 1994**, tinha na bagagem 17 toneladas de compras de jogadores, cartolas e convidados. **Teixeira foi acusado** de pressionar um funcionário para liberar a carga sem vistoria. (CP_1_4_319).

Nessa unidade de registro, Pinheiro destaca que todas as tensões do personagem em relação a sua atuação à frente da CBF não são recentes. Isso inclui as trocas de farpas entre Teixeira e a imprensa:

As relações de Teixeira com a Record **ficaram atritadas no ano passado**, quando a rede mantida pela Igreja Universal do Reino de Deus tentou tirar da Globo o direito de transmissão do Campeonato Brasileiro. (CP_1_5_323).

Durante a CPI da Nike, **em 2001**, a rede levou ao ar uma reportagem no *Globo Repórter* sustentando que a renda de Ricardo Teixeira era incompatível com o seu patrimônio e padrão de vida. **A CBF anunciou pouco depois**, do nada, uma mudança no horário de transmissão de uma partida Brasil x Argentina, clássico sul-americano que costuma bater recordes de audiência. Em vez de ser exibido no horário de praxe, depois da novela das oito, o jogo foi marcado para às 19h45. (CP_1_6_327).

Pinheiro mostra o quanto o fato é importante para a história, já que por diversas vezes é dito que Teixeira odeia jornalistas e que eles mentem sobre suas acusações. Outro momento de tensão entre Teixeira e a imprensa brasileira. Pinheiro conta um episódio onde o personagem volta a sofrer acusações de corrupção. Teixeira não deixou barato e respondeu a emissora trocando o horário de um jogo importante. Esse momento também embasa o desgaste nas relações do personagem com a imprensa.

No perfil 2, a repórter-autora também traz uma contextualização da história do personagem em um momento mais avançado do texto. Contudo, ela começa falando sobre os processos que envolvem o personagem:

Iniciada no outono de 2005, a crise abateu dirigentes históricos do PT, derrubou ministros, marcou a ferro e fogo parlamentares da base aliada, alterou a sucessão presidencial e botará no banco dos réus banqueiros de renome. (CP_2_7_358).

Segundo a denúncia que o então procurador-geral da República Antônio Fernando de Souza **encaminhou ao Supremo em 2007**, o mensalão foi feito por “uma sofisticada organização criminosa, associada de modo estável e com divisão de trabalho, para o cometimento de crimes contra a administração pública, o sistema financeiro, a fé pública e lavagem de dinheiro”. Ao longo dos anos, o processo acumulou 52 mil páginas, distribuídas em 233 volumes. Foram ouvidas mais de 600 testemunhas em quase cinquenta cidades brasileiras e no exterior. (CP_2_8_358).

Pinheiro trouxe ao leitor uma contextualização do que houve com o PT e quando isso começou a acontecer. Ela destaca todas as consequências do mensalão sob o partido, desde a prisão de membros até a queda de ministros. Na segunda unidade de registro, unidade de registro, a repórter-autora começa a contextualizar o que foi o mensalão. Ela explica os resultados do processo, o que foi feito nas investigações e traz uma aspa do procurador-geral da República na época explicando a dimensão dos atos no governo. Depois, ela traz ao leitor as origens de Delúbio:

Filho de um agricultor e de uma dona de casa, ambos analfabetos, Delúbio Soares de Castro **nasceu em Buriti Alegre**, no sudoeste de Goiás. **Seu nome foi uma homenagem a um sanfoneiro**, cuja performance numa festa havia emocionado o casal. O músico se chamava Danúbio, mas o pai entendeu errado e assim ficou – “Delúbio”. A família, incluindo ele e os três irmãos, trabalhava na roça. A mãe fazia queijos, cuidava de galinhas, e o pai tinha um punhado de cabeças de gado. **Aos 16 anos, Delúbio saiu de casa** e foi morar sozinho em Goiânia para completar o colegial. Vivía com dinheiro contado e fazia bicos, dando aulas particulares, até ser aprovado no vestibular de matemática da Universidade Católica de Goiás. (CP_2_9_366).

Pinheiro conta diversos fatos sobre a vida do personagem, desde onde ele nasceu, até a razão por trás de seu nome ser “Delúbio”. O leitor consegue se familiarizar melhor com o personagem, sabendo sua história, se desprendendo, pelo menos em alguns momentos, do Partido dos Trabalhadores. Ela também fala sobre a sua vida como professor:

Tornou-se professor de escola pública, onde lecionava matemática e desenho geométrico. Recentemente, **Delúbio foi condenado** a devolver 164 mil reais aos cofres públicos por ter, durante anos, recebido o salário de professor sem pisar em sala de aula. (CP_2_10_366).

Nessa unidade de registro, Pinheiro fala sobre o início de carreira de Delúbio, como professor de escola pública. Inclusive, ela dá uma pequena informação sobre

uma condenação do personagem que refuta o que ela havia trazido, pois ele fora condenado a devolver anos de salário recebidos como professor, pois supostamente ele nunca tinha pisado em uma sala de aula. Ou seja, ela volta a ressaltar as acusações contra o personagem e que, mesmo no seu passado não relacionado ao PT, ele possui infrações que precisa responder.

Diegues faz algo parecido com Pinheiro no perfil 3, quando começa as contextualizações. Primeiro, ela fala sobre o passado do PMDB, como ilustra a unidade de registro a seguir:

Depois de fechar o Congresso, extinguir todos os partidos e cassar centenas de parlamentares, **em 1966** a ditadura militar enquadrou a política institucional em duas agremiações: a Aliança Renovadora Nacional, a Arena, e o Movimento Democrático Brasileiro, o MDB. (CP_3_11_339).

Ela inicia trazendo uma informação a respeito da ditadura, e como aquele momento contribuiu para a criação de diversos partidos políticos, incluindo o PMDB. E a repórter-autora segue trazendo mais informações passadas sobre o partido:

O PMDB no poder foi um desastre total. Em cinco anos de governo, teve doze ministros. Dominou o Congresso que se autointitulou Constituinte e redigiu a Carta em vigor. Patrocinou pacotes econômicos que provocaram hiperinflação, desemprego em massa e o desmonte de serviços públicos já precários. Com a popularidade no fundo de um abismo, Sarney saiu do Planalto sob vaias. Ulysses Guimarães, o líder histórico do partido, candidatou-se a presidente e obteve um vexatório sétimo lugar, com 4,4% dos votos. (CP_3_12_340).

Na história republicana, 20% dos vices viraram presidente antes do término do mandato do titular. Itamar Franco, por exemplo, estava desgarrado do PMDB e não participou do governo Collor. (CP_3_13_341).

Na primeira unidade de registro, é possível entender alguns fracassos do PMDB, o que pode ser uma explicação para a vontade de Temer de ser apenas vice de Dilma na época, sem ir de frente com os demais candidatos nas urnas. Diegues traz mais explicações sobre o porquê de o partido não ir mais concorrer à presidência nas urnas. A repórter-autora deixa claro que o cargo de vice é mais vantajoso para o PMDB do que da presidência propriamente dito. Pelo menos, na hora das urnas.

Quando já é possível compreender a história do PMDB e a sua relação especificamente com o cargo de vice, Diegues começa a falar sobre o próprio personagem, como mostra a unidade de registro a seguir:

O deputado é o caçula de oito irmãos. Seus pais, os libaneses March e Miguel Elias **migraram para o Brasil em 1930**. O casal, com três filhos nascidos no Líbano, foi morar numa chácara, em Tietê, no interior de São Paulo, onde beneficiavam arroz e café. A diferença de idade de Temer e os irmãos mais velhos era de mais de vinte anos. Quatro deles foram estudar em São Paulo, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. (CP_3_14_344).

A partir desse trecho, a repórter-autora começa a contar a história de Temer e sua família. Um dos principais aspectos da Contextualização do passado é contar sobre as origens do personagem. Agora, o personagem que por diversas vezes apareceu na mídia com um ar sério e rígido, possui pais, irmãos, uma casa e uma vida pregressa aos acontecimentos retratados na narrativa.

Isso também ocorre no perfil 4, mas a repórter-autora não começa as contextualizações com o personagem ou seu processo, mas sim com a história da esposa de Delcídio:

Dona de duas franquias de uma marca de roupas em Florianópolis, onde **o casal morou nos anos 1990**, foi cliente assídua da Daslu nos tempos áureos, e até hoje é convidada para as semanas de moda do Rio e de São Paulo. (CP_4_15_385).

Aqui ela traz um pouco de contextualização sobre quem é a esposa do personagem. Com o que ela trabalha e a relevância dela na área da moda. Isso mostra ao leitor que a Maika não é uma simples esposa de político, mas uma empresária e figura pública.

Ela não chega a contar uma história de origem do personagem. Mas contextualiza seu passado profissional, mais especificamente em um cargo público, como mostra a próxima unidade de registro:

Desde seu primeiro emprego público, como gerente regional da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, no sul do Pará, o senador construiu relações duradouras com empreiteiros e se tornou próximo dos políticos. Um dos primeiros foi Jader Barbalho, hoje senador pelo PMDB, à época governador do estado. (CP_4_16_385).

Gaspar ressalta qual foi o primeiro cargo público de Delcídio e o fato de que já naquela época ele se aproximava de pessoas do âmbito político. Ela conta quem foi um dos primeiros políticos a entrar na vida de Delcídio. A repórter-autora segue falando sobre a vida profissional do personagem:

Em 1994, sob o governo de Itamar Franco, Delcídio foi secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia, e, por alguns meses, ministro interino. **Em 1998**, filiou-se ao PSDB. (CP_4_17_385).

Aqui, Gaspar contextualiza sua vida na política de fato. Ele sempre foi uma peça de apoio para os governos executivos, Gaspar deixa isso claro ao mostrar sua atuação no mandato de Itamar Franco.

No perfil 5, Cariello faz diferente. A primeira informação que ele traz é a respeito do passado da família de Viveiros de Castro. As unidades de registro a seguir mostram essa contextualização:

Seu pai pertencia a uma família de “políticos e juristas”. Augusto Olympio Viveiros de Castro, bisavô de Eduardo, foi ministro do Supremo Tribunal Federal e hoje é nome de rua em Copacabana. Outro bisavô, Lauro Sodré, nome de avenida em Botafogo, foi militar, senador e governador do Pará. Participou da Revolta da Vacina, **em 1904** – segundo o antropólogo, por ser positivista e acreditar que o Estado “só podia chegar até a pele” dos cidadãos. “Um argumento curioso”, comentou. “Equivocado, no caso da vacina. Mas tem seu interesse retórico. Tendo a simpatizar com ele. Acho que o Estado devia parar muito antes, bem longe da pele.” (CP_5_18_416).

Eduardo Batalha Viveiros de Castro **nasceu no dia 19 de abril de 1951**, no Rio de Janeiro. Passou toda a adolescência na Gávea, Zona Sul da cidade. Nos anos 60, o bairro era uma larga ilha de classe média contida entre a Rocinha, no alto do morro, e o Parque Proletário, uma favela que não existe mais. Eduardo morava numa casa grande de dois andares, movimentada, aberta à vizinhança, com os pais e os cinco irmãos mais novos. A mãe “era dona de casa, formada em letras, como convinha a uma moça de boa família”. O pai, um advogado trabalhista, não dirigia. Nos finais de semana, contratava os serviços de um vizinho taxista para levar a família à praia em Ipanema. (CP_5_19_421).

Cariello mostra que sua família possuía uma certa relevância no cenário carioca da época. Além disso, o repórter-autor traz alguns fatos históricos a respeito da família do personagem, como a participação de um bisavô de Viveiro de Castro que foi senador e participou da Revolta da Vacina em 1904. Na segunda unidade de registro, Cariello contextualiza o passado do próprio personagem, contando onde ele nasceu e cresceu. Ele traz em detalhes características da casa da infância de Viveiros de Castro, seus pais e destaca que ele teve cinco irmãos mais novos. Também fala sobre seus tempos na faculdade:

Em 1969, Viveiros de Castro começou a estudar na PUC. Coursou jornalismo por um ano. No ciclo básico, se interessou por ciências sociais e pediu transferência. (CP_5_20_424).

O repórter-autor traz o começo dos estudos do personagem, que trocou de curso, pois se interessou pelas ciências sociais, área na qual ainda é um dos maiores pensadores.

No perfil 6, o repórter-autor contextualiza os dois passados da personagem. O primeiro é sua vida pregressa e as mudanças que teve em relação ao seu gênero. Depois, ele fala sobre o processo de transformação de Laerte:

O Brazilian Crossdresser Club surgiu em 1997, inspirado num similar norte-americano. Começou como uma espécie de fórum, contando com recursos ainda embrionários da internet, em que homens que gostavam de se vestir de mulher compartilhavam experiências. (CP_6_21_441).

Barros e Silva traz ao leitor uma contextualização do passado do movimento Brazilian Crossdresser Club, pois a personagem começou sua transição através da página na internet. Ele também fala sobre o passado de Laerte como cartunista:

Na revista *Chiclete com Banana* e nas páginas da *Folha de S.Paulo*, **ele foi responsável**, ao lado de Angeli e Glauco (assassinado em 2010), pela criação de um humor novo e escrachado, de traço sujo e vocação anarquizante, cuja graça e força crítica estavam ancoradas no desajuste – social e comportamental – dos personagens que colocava em cena, e não em uma pauta política supostamente comum a todos. (CP_6_22_449).

O repórter-autor descreve a importância de Laerte para o Jornalismo brasileiro. A personagem é pioneira na criação de quadrinhos de humor de cunho político no País. Barros e Silva destaca que os desenhos de Laerte possuem "traço sujo e vocação anarquizante, cuja graça e força crítica estavam ancoradas no desajuste – social e comportamental – dos personagens". Além disso, também há um momento onde é contextualizado as origens da personagem, seu nascimento, suas relações, seus filhos etc:

Laerte é o segundo de quatro irmãos. Mauro, o mais velho, é engenheiro e mora em Itapeverica da Serra, na Grande São Paulo. Helena, ou Lena, como todos a chamam, é fotógrafa e mora nos Estados Unidos. Foi casada com João Santana, hoje o marqueteiro mais cobiçado da República, e, depois, com o compositor Raul Seixas. (CP_6_23_455).

O segundo casamento **teve duração de uma década**. Além de Rafael, desse relacionamento nasceu Diogo. **Casou-se ainda** uma terceira vez, com sua mulher já grávida de Laila. E, de novo, a história expirou depois de dez anos. (CP_6_24_457).

Assim como os outros perfil, Barros e Silva passou a contextualizar a vida de Laerte no momento em que a narrativa já estava mais avançada. O repórter-autor também fala sobre os casamentos da personagem. Barros e Silva mostra que Laerte casou-se com outras mulheres no tempo em que era homem. Isso é algo que faz

parte da história da personagem, portanto, acaba sendo importante para construir um perfil sobre ela.

5.5 Personagens coadjuvantes (PC)

Os Personagens coadjuvantes (PC) são elementos importantes para a construção de um perfil. Para identificar um personagem coadjuvante, é preciso se atender a quantidade de vezes que a pessoa aparece e a participação dela na trama. Existem informações que só podem ser fornecidas por eles, esses relatos auxiliam na utilização das outras técnicas do Jornalismo Literário, como Humanização do personagem, Imersão e Contextualização do passado. Portanto, esses indivíduos são parte essencial para as narrativas.

No perfil 1, há uma grande quantidade de personagens coadjuvantes. A começar pela esposa do personagem, que aparece em diversos momentos e possui uma descrição própria:

Ana Carolina Wigand, uma morena de 34 anos, trinta mais nova que ele. (PC_1_1_313).

A esposa de Teixeira possui uma grande participação na trama, já que acompanha o marido durante a viagem. Ela aparece em diversos momentos, como no momento onde o repórter-autor conta a história do casal. Outro personagem que aparece em muitos momentos no perfil é o assistente de Teixeira, Alexandre Silveira:

Alexandre Silveira o acompanha há dezoito anos. (PC_1_2_318).

O assistente pessoal de Teixeira é retratado como que trabalha muito, mas sem nenhum reconhecimento. O presidente da CBF não demonstra gratidão para com o personagem e Pinheiro fala sobre isso. A repórter-autora destaca que Silveira passa mais tempo com Teixeira do que com sua família. Mas provavelmente, a figura de maior destaque no perfil, além do personagem principal, é João Havelange:

Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange se hospeda no Hotel Savoy. (PC_1_3_320).

Pinheiro apresenta o ex-sogro de Teixeira com o seu nome verdadeiro. Ele é uma figura importante para a narrativa, já que foi também presidente da CBF. Além disso, foi uma figura importante para Teixeira iniciar sua carreira como cartola.

No perfil 2, há quatro personagens que se destacam na narrativa por suas ações. Eles são apresentados nas unidades de registro de dois em dois, como mostra o trecho a seguir:

A defesa é assinada pelos escritórios de **Arnaldo Malheiros Filho e Celso Vilardi**, criminalistas de São Paulo conhecidos e respeitados nos meios jurídicos, cujos honorários, não revelados, são pagos pelo PT. (PC_2_4_362).

A participação dos advogados de Delúbio acaba tendo importância para a história, já que o personagem enfrenta um processo na justiça por corrupção. Assim como os amigos mais próximos de Delúbio:

Luiz Eduardo Greenhalgh, ex-deputado pelo PT, dois advogados goianos e o seu amigo **Sebastião Leite**, o Juruna, que conhece há décadas. (PC_2_5_363).

Ambos os amigos de Delúbio o acompanham o personagem durante as palestras que este faz pelo Brasil. Pinheiro ainda os coloca no lugar de mais próximos do personagem, destacando sua importância para a narrativa.

No perfil 3, também há a participação de quatro personagens coadjuvantes. A maioria faz parte da vida pessoal de Michel Temer, com exceção de um personagem, que pertence ao trabalho do deputado:

O deputado **Eduardo Cunha**, do Rio de Janeiro. (PC_3_6_350).

Cunha não é um personagem ativo na história. Contudo, ele é citado diversas vezes por Temer e pela repórter-autora. Inclusive, aparecendo de surpresa na casa do personagem, no momento em que Diegues estava presente. Diferente de Homar Cais, que chega a trazer informações interessantes do passado do personagem, como mostrado no capítulo Humanização do personagem:

O escritório do advogado **Homar Cais** fica no 1º andar de um prédio na rua Haddock Lobo, nos Jardins. (PC_3_7_344).

Quando a repórter-autora traz a história de Temer com um amigo na faculdade, é uma forma de humanizá-lo, por meio de um personagem coadjuvante. A mesma coisa ocorre com membros da família de Temer:

Clarissa é psicóloga. Ela disse que, na intimidade, o pai é afetuoso e engraçado. (PC_3_8_354).

Outro na família que se preocupa com as atividades políticas de Temer é seu único irmão vivo, **Adib**, de 75 anos. (PC_3_9_354).

A filha de Temer contribui para humanizar o pai. Ela fala apenas aspectos bons do personagem e tenta contribuir para construção da imagem de um homem carinhoso com a família e dedicado ao trabalho. Assim como o único irmão vivo de Temer, Adib. Ele ressalta que se preocupa com as atividades políticas do irmão, ressaltando que ele não precisa mais dessa ocupação.

O mesmo ocorre no perfil 4, pois Gaspar traz apenas dois personagens coadjuvantes para a narrativa. Mas ambas possuem uma grande proximidade com o personagem, por se tratar de sua mãe e esposa:

Morena, baixinha e de sorriso largo, **Maika** de 52 anos, é famosa pela personalidade forte e pelo medo que provoca no marido. (PC_4_10_384).

A mãe do senador, **Rosely Amaral**. (PC_4_11_405).

A esposa de Delcídio mostra ao leitor um lado mais frágil do personagem, pois mesmo sendo senador, ainda teme a figura de Maika. O leitor percebe que a personagem coadjuvante é uma peça-chave para a narrativa. Já a mãe do personagem aparece no texto para corroborar com os relatos de Delcídio sobre os tempos de cadeia. Além disso, o leitor acompanha o personagem, sua mãe e a repórter-autora durante o impeachment de Dilma.

No perfil 5, o repórter-autor começa o texto com a fala de um personagem coadjuvante. Apesar de Marcio Ferreira da Silva ter relação com o personagem principal, por ser seu aluno, ele não inicia sua participação falando do antigo professor:

Marcio Ferreira da Silva, um sujeito grandalhão e bem-humorado, professor de antropologia na Universidade de São Paulo, tentava encontrar um volume nas estantes de seu apartamento. (PC_5_12_414).

Eles falam sobre os trabalhos de Viveiros de Castro, mas apenas se refere a ele por “bruxo”, uma espécie de apelido carinhoso, que diz que a pessoa em questão é muito boa no que faz. O leitor pode achar que o texto é sobre Marcio, já que é ele que abre o texto. Mas aos poucos, Cariello chega no personagem principal. Depois que a narrativa já está em curso, o repórter-autor insere outra figura importante, a mulher de Viveiros de Castro:

Eduardo Viveiros de Castro mora com a mulher, **Déborah Danowski**. (PC_5_13_418).

Ela é professora de Filosofia na PUC do Rio de Janeiro e acompanha a conversa do repórter-autor com o personagem. Ela aparece em diversos outros momentos do texto. Inclusive, o próprio repórter-autor fala sobre ela em um tom de intimidade, como mostra uma unidade de registro no capítulo “Imersão”. Também há personagens que não possuem contato direto com Viveiros de Castro, mas que participam ativamente da história, como Manuela Carneiro da Cunha:

A antropóloga **Manuela Carneiro da Cunha**, professora da Universidade de Chicago, avalia que as ideias desenvolvidas por Viveiros de Castro a partir do perspectivismo ameríndio dialogam diretamente com boa parte da tradição filosófica ocidental. (PC_5_14_420).

Nessa unidade de registro, Cariello traz a perspectiva de outro antropólogo para mostrar ao leitor que as ideias de Viveiros de Castro possuem relevância para os estudos da área. O último personagem coadjuvante a ter espaço nesse perfil é um amigo do antropólogo:

Mais conhecido por seu longa *O Segredo da Múmia*, de 1982, **[Ivan] Cardoso** foi um inovador formal, rodando filmes de vanguarda em super-8 a partir do final dos anos 60. (PC_5_15_423).

Esse personagem coadjuvante ganhou bastante notoriedade assim que aparece na história. Isso porque ele é um amigo antigo de Viveiros de Castro, o que traz ao texto diversos momentos do personagem principal na juventude, contribuindo para a contextualização do passado e humanização do personagem.

No perfil 6 há a maior quantidade de personagens coadjuvantes entre os perfis. Laerte possui uma trajetória muito intensa, marcada por diversas escolhas, momentos e, principalmente, por pessoas que o ajudaram nessa jornada. Por essa razão, suas amigas são as figuras mais notáveis da narrativa:

Letícia Lanz, uma trans de Curitiba que conheceu Laerte no clube e se tornou uma de suas grandes amigas. (PC_6_16_441).

Laerte também deu o seu depoimento no Purpurina (com acesso vetado, para preservar a intimidade das famílias), mas disse que estava lá para acompanhar a amiga **Márcia Rocha**. (PC_6_17_442).

A personagem foi muito importante para a transição de Laerte. O repórter-autor a coloca diversas vezes no texto, a fim de mostrar a conexão entre as personagens. Outra amiga de Laerte, que também tem grande participação no texto. Ambas participavam do Projeto Purpurina, que acolhia pais de filhos LGBTQIA+. Por meio dessa personagem, o repórter-autor mostra o ativismo de Laerte com a causa. A família da personagem também tem uma forte presença na história:

Maria de Lourdes de Freitas Gordinho, ou apenas dona Lila, como ela é chamada por todos. (PC_6_18_455).

O geólogo aposentado pela USP **José Moacyr Vianna Coutinho**, à beira de completar 89 anos. (PC_6_19_455).

Os pais de Laerte são usados para mostrar o apoio da família em sua transição. Ambos são idosos, mas não parecem, pelo menos no texto, julgar a filha ou nutrir qualquer tipo de preconceito com ela. Assim como seus filhos:

Laila, a caçula, de 23 anos, que é quem cuida das finanças do pai e soube me informar, a pedido de Laerte, o quanto ele ganha. (PC_6_20_457).

Com 33 anos, **Rafael** é cartunista como o pai. (PC_6_21_457).

A filha de Laerte participa do texto fornecendo informações ao repórter-autor sobre o personagem. Ela também conta sobre o próprio processo de acompanhar Laerte na transição. O filho da personagem mostra ao leitor que também tem uma boa relação com Laerte. Ele ainda recorda que Laerte sempre foi uma figura mais parceira do que autoritária. Essa informação mostra ao leitor como a personagem se relaciona com os filhos e como isso acaba sendo um aspecto importante de sua vida.

5.6 Discussão dos resultados

A partir da análise dos seis perfis, estudados por meio de cinco categorias, é possível chegarmos em uma conclusão específica sobre a presença dos elementos

do Jornalismo Literário nos perfis do livro *Tempos Instáveis*, respondendo o problema que mobiliza esta pesquisa.

Os repórteres-autores usam todas as técnicas literárias com o objetivo de aproximar o leitor com as histórias sendo contadas, visto que não se tratam de ficção, mas de relatos de pessoas reais, que existem e que fazem parte da cultura brasileira, especialmente se tratando dos perfis sobre os políticos.

A Humanização dos personagens é amplamente utilizada em todos os perfis. Como foi possível ver na análise qualitativa, os repórteres-autores destacam todos os aspectos que fazem dos seus perfilados humanos. Como no perfil 1, onde o personagem por vezes se mostrava arrogante em relação a diversas situações. Também há uma grande recorrência no perfil 5, pois o personagem se mostra uma pessoa afável, diferente da persona que criou nas redes sociais.

Além dos aspectos de personalidade, as narrativas também trazem descrições físicas e reações, já que não há imagens gráficas que mostram o que os personagens usavam no momento das entrevistas, como eram suas expressões faciais, como reagem a certos assuntos. Esse recurso ajuda na forma como o leitor verá os personagens em momentos mais íntimos, por exemplo, pois todos são figuras públicas, muito retratadas na mídia em geral.

A HP é um aspecto muito importante dos perfis, pois, como reforça Vilas-Boas (2008), esse tipo de texto apenas pode ser considerado um perfil se retratar a vida de um ser humano. Isso casa com o que explica Martinez (2017) ao reforçar que no Jornalismo Literário também há uma inserção da Psicologia, por lidar com a personalidade, a mente e as reações dos entrevistados, algo bem recorrente em todos os perfis analisados.

As Reconstruções de cena também são utilizadas em todos os perfis. O objetivo principal dos repórteres-autores foi aproximar o texto com a realidade, mostrando ao leitor que aquelas situações aconteceram de fato.

Quando, no perfil 2, por exemplo, Pinheiro fala sobre a disposição das cadeiras de plástico pelo salão, o leitor consegue visualizar a cena, o que lhe confere mais veracidade. Como os restaurantes descritos no perfil 1, pois são locais que o leitor não possui tanta familiaridade. A repórter-autora conseguiu mostrar como eram aqueles espaços e quais pessoas os frequentavam.

Wolfe (2005 apud MARTINEZ, 2016) ressalta que um dos elementos principais do JL é a Reconstrução de cena. Isso porque, ao trata de uma narrativa

real, há cenas que rodeiam o momento contado na história. Molina (2017) também destaca que essa é uma característica ligada a Literatura, que ajuda o público a visualizar os ambientes e cenários da trama. Em um perfil, a RC aproxima a história da realidade, conferindo veracidade a narrativa.

No caso da Imersão, em todos os perfis foi identificado o uso da primeira pessoa nos trechos da narrativa. Os repórteres-autores optaram por se colocar nos textos, para que o leitor pudesse ver os acontecimentos sob a perspectiva de um narrador que estivesse presente na história.

Essa prática auxiliou na construção da própria narrativa como um todo, já que a Imersão é o elemento que serve como base para a prática de todos os outros. Sem essa técnica, não seria possível que o repórter-autor observasse detalhes para humanizar o personagem ou características do ambiente para reconstruí-lo, por exemplo.

Isso é reforçado por Carmo e Almeida (2021), que apontam a necessidade de haver uma intensa Imersão na construção de um perfil, para a coleta de informações e a percepção de quem é o perfilado. É uma característica fortemente ligada ao próprio JL, que possui, em sua concepção, a Imersão trazida por noções de Sociologia, como mostra o capítulo 2.4 do referencial teórico.

Em relação a Contextualização do passado, todos os perfis necessitavam dos relatos das histórias dos personagens para que fosse possível construir as narrativas. Cada escolha ou experiência foi efetuada de acordo com experiências do passado, por exemplo, no perfil 5, é explicado que o personagem optou por trocar de área na faculdade, visto a preferência pelas ciências sociais. Algo que se provou ao longo dos anos, devido a todas as contribuições que Viveiros de Castro trouxe para o segmento.

Também há a explicação das relações dos personagens, como é o caso do perfil 3, onde a repórter-autora fala sobre a família de Temer e como muito de sua personalidade é fruto de sua criação, com os irmãos muito mais velhos do que ele.

Os resultados vão de encontro ao que ressalta Vilas-Boas (2008), que as vivências passadas possuem um grande peso nos acontecimentos atuais da vida do perfilado. Não só o que ele próprio passou, mas a história de elementos que o cercam e que estão relacionados a ele, como o passado do PMDB, no perfil 3.

Tratando desses personagens coadjuvantes, todos possuem uma participação importante nas histórias, desde provendo informações relevantes para trama, quanto para humanizar os personagens principais.

No perfil 4, por exemplo, a mãe do personagem principal é crucial para falar sobre os momentos do filho na prisão, uma situação muito traumática para ele e, como ela mesma ressalta, para a família. Sua esposa também traz um lado mais vulnerável do personagem, mostrando sua dependência e respeito pela companheira.

No perfil 2, os personagens acabam ajudando a repórter-autora a ter mais informações sobre Delúbio, já que o contato com ele não é favorável, por ele se recusar a falar com os jornalistas.

Assim como exemplifica Vilas-Boas (2008) ao trazer a obra de Talese sobre Sinatra (que pode ser vista no capítulo 4 da Metodologia), os Personagens coadjuvantes podem movimentar as narrativas, de acordo com suas entrevistas. As descobertas trazidas por eles moldam uma visão secundária sobre os personagens, o que justifica a sua importância para as histórias.

A frequência das categorias influencia na presença de outras. Por exemplo, no perfil 2 há mais Reconstrução de cenas, pois a repórter-autora não teve tanto acesso ao personagem. Isso fez com que ela precisasse descrever as cenas a sua volta, para dar mais corpo ao texto. Isso pode ser visto na Humanização do personagem, sendo o perfil 2 um dos que menos possui a presença dessa categoria.

Apesar disso, todos os perfis possuem as cinco categorias de forma conjunta, ou seja, esses elementos são essenciais para a construção das narrativas. Para deixar mais claro o ponto dessa monografia, essas técnicas, embasadas no referencial teórico e identificadas nos perfis, foram testadas na construção de um perfil próprio.

5.7 Perfil experimental

O texto foi feito a partir de três encontros com a escritora Natalia Borges Polezzo, doutora em Teoria da Literatura e tradutora. Polezzo foi escolhida para ser

a pessoa retratada nesse perfil por sua trajetória na Literatura, já que é reconhecida por ter ganhado dois prêmios Jabutis³⁰ e ter sido colocada na lista Bogotá 39³¹.

Essa será uma primeira versão do perfil, para experimentar os elementos do Jornalismo Literário encontrados nos perfis do livro Tempos Instáveis, constatados a partir das categorias.

A seguir é apresentada uma primeira versão do perfil, não finalizado ainda em função do prazo apertado característico de uma monografia.

6. A ESCRITORA COMPREENDIDA

Na sala 226, situada no prédio oito da PUCRS, o das Humanidades, a aula sobre Literatura, feminismos e questões de gênero estava prestes a acontecer. Era quase 8:45 quando Natalia Borges Polesso entrou no recinto, com dois livros nas

³⁰ O Prêmio Jabuti é o mais tradicional prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro.

³¹ Bogotá 39 é um projeto criado a fim de identificar 39 dos escritores mais promissores da América Latina abaixo dos 39 anos de idade.

mãos e um caderno comum. Ela sentou na classe disposta na frente do quadro e pôs o copo de café que segurava em cima da mesa.

Os alunos chegavam e se acomodavam. A professora parecia ter uma certa proximidade com os estudantes, perguntava sobre suas vidas, o que vestiam, o que liam, e coisas do tipo.

Depois de esperar mais ou menos 10 minutos, ela levantou da sua cadeira, olhou pelo corredor, a procura de algum atrasado que pudesse estar prestes a chegar. Como não viu ninguém, ela fechou a porta, virou para a turma e pronto, sua aula começou.

Raquel de Mello Soares lutou muito para fazer a disciplina ministrada por Natalia. Porque, além dos créditos, sua dissertação é sobre ficção científica feminista. Ou seja, é um assunto pertinente à temática da disciplina. Mas ainda havia outro aspecto que tornava a matéria tão atraente para Raquel.

“Eu tinha que fazer essa cadeira, mas estava um pouco desanimada. Pois, a professora responsável por ela não tinha uma bagagem necessária para tratar desses temas. Foi quando a Natalia entrou, então fiquei mais empolgada, porque já acompanhava o trabalho dela há um tempo”, conta.

Em uma aula no formato de seminário, os alunos debatem com a professora sobre textos relacionados à literatura lésbica. Depois de falarem sobre os escritos de uma autora argentina, Natalia pergunta “quais referências temos aqui no Brasil? Dois alunos, incluindo Raquel, responderam “tu!”.

Atualmente, a Literatura Contemporânea aborda temáticas relacionadas a temas que já existiam, porém, que há apenas alguns anos começaram a ter o devido espaço. Natalia é um nome representativo na área, especialmente depois de ter ganhado o seu primeiro Jabuti em 2016, com o livro de contos *Amora*.

Lançado em 2015, pela Não Editora, a obra reúne contos sobre relacionamentos entre mulheres lésbicas. Em 2020, a Oprah Magazine, publicação fundada pela apresentadora Oprah Winfrey, pôs o *Amora* em uma lista de 44 livros que estão mudando o cenário LGBTQIA+ nos Estados Unidos.

Quando perguntei a Natalia se ela acreditava ser um dos principais nomes da Literatura Contemporânea no Brasil ela soltou uma risada, tentando transparecer

modéstia, como uma boa leonina. “Eu teria cautela ao dizer isso, mas posso dizer que estou em um lugar legal”, afirmou.

Além do Amora, Natalia publicou sete livros. O primeiro, Recortes para álbum de fotografia sem gente (Não Editora, 2013), foi o que mostrou para ela uma nova perspectiva, a de se tornar escritora. “O processo de escrita do primeiro livro foi o que mais me deu prazer. Eu escrevi ele durante o meu doutorado, nem sabia que ia publicá-lo”, lembra.

A satisfação de escrever não foi algo reservado apenas ao primeiro trabalho. O momento em que Natalia senta na cadeira para tirar algum projeto literário do papel, é um prazer do início ao fim. Nesse processo, o que mais lhe dói é a falta de tempo.

Para ela, o dia ideal é quando consegue acordar às cinco horas da manhã, para escrever. Depois, à tarde, ela faz o que precisa fazer, planeja aula, resolve pepino, essas coisas da vida adulta. Mas ultimamente, a vida anda tão intensa que Natalia vive a mercê de compromissos e prazos.

Quando nos encontramos na confeitaria Rocambolo, no bairro Petrópolis, em Porto Alegre, ela esperava uma entrega para sua mudança. Era uma quarta-feira ensolarada, Natalia havia se mudado para o novo apartamento na sexta-feira da semana anterior.

Ela morava em Lavras, Minas Gerais, quando conseguiu uma bolsa de pós-doc na PUCRS, a segunda de sua carreira. Quando chegou em Porto Alegre, ainda não tinha um lugar próprio para morar. Ficou dois meses e meio no sofá de uma amiga, até se mudar para sua própria casa.

Mas Natalia é naturalmente gaúcha. Ela nasceu em Bento Gonçalves, em 06 de agosto de 1981. Com oito anos, se mudou para Campo Bom, onde viveu até os 16 anos. Quando seus pais se divorciaram, ela foi morar em Caxias do Sul, onde terminou o ensino médio e prestou vestibular, na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Natália estava pensando três cursos para prestar vestibular, Medicina, Educação Física e Letras, com ênfase em Inglês. O primeiro ela provavelmente ganharia muito dinheiro, mas gastaria muito mais dinheiro para concluí-lo, então, foi descartado. O segundo também não ia dar, ela havia sido diagnosticada com a

síndrome Wolff-Parkinson-White (WPW) ao nascer (mas que foi resolvida com uma cirurgia anos depois), uma condição que causa um batimento cardíaco acelerado, podendo levar a outras complicações. Muito esforço físico podia piorar a situação.

O que sobrou foi Letras, mais porque Natalia gostava de estudar Inglês do que qualquer outro motivo. E foi assim que ela iniciou o curso, em 1999, se formando em 2007. Foram oito anos de graduação. Ela lembra que nesse meio tempo, viu o âmbito acadêmico passar por diversas transformações. “Eu entrei na faculdade sem poder pagá-la, em um semestre fazia uma cadeira, e deixava o resto para o próximo. Mas nisso, surgiu Fies, ProUni e outros tipos de crédito. Isso proporcionou um aumento na diversidade nas universidades”, explica.

O dinheiro é algo importante para Natalia. Não de uma forma gananciosa ou mesquinha. Na verdade, se relaciona a necessidades básicas, como qualidade de vida. Hoje, mesmo tendo diversas publicações e reconhecimentos, a sua vida como escritora não é capaz de sustentá-la por si só.

Além da bolsa no pós-doc, o que inclui o trabalho de professora, Natalia também participa de feiras, palestras e eventos. Com essas fontes de renda, ela consegue viver confortavelmente, contudo, não consegue comprar o que mais deseja: tempo. “Viver no capitalismo é complicado, porque sempre vai ter a pressão de pagar as contas no final do mês”.

No final de abril, Natalia teve a oportunidade de viajar para Nova York, para falar na Brown University sobre violência de gênero. Ela afirma que é uma experiência fantástica viajar para falar sobre seu trabalho, só para Nova York foi a segunda vez. Porém, ainda é algo cansativo. “Queria estar tranquila durante a viagem. Mas tudo acontece ao mesmo tempo, então, temos que nos virar nos trinta e fazer malabarismos”, conta.

De volta a sala de aula, Natalia faz jus ao seu estado de espírito atual ao usar uma camiseta escrita “Exhausted”. Para agravar a situação, ela ainda sofre com complicações de uma endometriose, o que ocasiona dores e náuseas. Mas lá estava ela, firme e forte.

Natalia já deu aulas antes, ela era professora de inglês durante sua graduação. Então, ela já sabe se portar como uma professora, apesar de agora dar aula para a pós-graduação. Raquel conta que ela é diferente de muitos professores

da academia, um lugar dominado por homens cis, brancos e heterossexuais. “Eu a vejo como uma pessoa que está aberta realmente a novos aprendizados e a novos questionamentos”, diz a aluna.

Natalia gosta de dar liberdade aos estudantes. No trabalho final, eles poderão se fazer uma pergunta de interesse próprio, relacionada às leituras do semestre. Sua dinâmica na aula também abre espaço para que eles possam falar sobre vivências e experiências. Para ela, tudo é válido. Na verdade, essa foi a única coisa que Raquel me disse não gostar tanto nas aulas de Natalia. “Acho que o direcionamento dos debates poderia melhorar, porque às vezes nos perdemos muito. Mas é tudo uma questão de administrar o tempo”, pondera.

Ainda assim, Raquel concorda que Natalia representa um novo momento para a academia, um espaço que sempre pertenceu a um tipo específico da sociedade. Na Literatura, não é diferente. Durante o doutorado, Natalia, lançou um projeto chamado “A Escritora Incompreendida”, uma série de quadrinhos sobre uma autora que publicava textos que não eram absorvidos como deveriam.

Para Natalia, em um mundo hétero cis gênero e patriarcal, a escritora mulher sempre será o outro na Literatura. E, a depender dos atravessamentos dessa pessoa (uma mulher negra, lésbica, ou pobre, por exemplo), essa realidade se torna ainda pior.

Mas houve avanços. A própria Natalia é um símbolo disso, por ter conquistado diversos prêmios e reconhecimentos com obras sobre uma minoria que sempre foi hostilizada na sociedade atual. Por esse motivo, perguntei a ela se a escritora sempre seria incompreendida.

“Além de ser lidas, queremos que nossa voz seja importante. Tem um tempinho já que não me reconheço como mulher, mas como uma pessoa não binária. Mas ser mulher faz parte da minha condição de sujeito. De qualquer forma, sempre sofreremos graus diferentes de opressão. A Escritora Incompreendida era meio que sobre isso, acho que sempre será difícil mesmo”, destaca.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos analisados do livro *Tempos Instáveis* mostraram a importância dos elementos do Jornalismo Literário na construção dos perfis. A monografia obteve resultados esclarecedores a respeito da narrativa dos textos de cunho literário organizados no objeto. Foi possível compreender o porquê da utilização de cada categoria nos devidos trechos extraídos do perfil, graças à categorização criada por Molina (2017) e adaptada para esse trabalho.

As categorias foram lentes essenciais para ter tais constatações. Pois, através da análise das unidades de registro, foi possível identificar cada momento de incidência dessas técnicas nos textos.

Como foi mostrado na metodologia, esse processo foi facilitado pela Leitura Cerrada (ou Close Reading). Separar todos os trechos e categorizá-los foi crucial para ter uma maior compreensão da maneira como os elementos estavam dispostos nos textos e conversavam entre si,

Em cada perfil, havia uma predominância de elementos, trazendo à tona o estilo que os repórteres haviam escolhido para escrever suas narrativas. Entre as principais técnicas, a Imersão (I) foi uma das mais recorrentes nas histórias. Isso porque o intenso acompanhamento dos personagens proporcionou a aplicação de outras técnicas no texto, como Humanização do personagem (HP) e Contextualização do passado (CP).

A partir do referencial teórico e da análise em si, foi possível compreender a individualidade dos textos de perfil em comparação com o gênero biográfico como um todo. Construir um perfil requer uma percepção mais abrangente do que simplesmente a vida de um indivíduo. É necessário entender muito mais sobre quem a pessoa é na atualidade do que sobre quem ela foi um dia. Apesar da importância das experiências passadas para a história, elas não são o fio condutor da narrativa, mas sim o próprio perfilado.

Em relação a pergunta que norteia a pesquisa – quais elementos do Jornalismo Literário estão presentes nos perfis da revista *Piauí*, organizados no livro *Tempos Instáveis*, da editora Grupo Companhia das Letras? – a resposta sempre esteve presente nas próprias categorias, que apenas com a análise dos textos foi possível chegar a tal constatação.

Com esses resultados, também pude testar as técnicas identificadas nos perfis organizados no *Tempos Instáveis*. Todas as cinco categorias foram aplicadas no perfil acima.

Mesmo sendo um material construído apenas para experimentação, o texto escrito sobre Natalia Borges Polesso, todas as categorias foram amplamente utilizadas. Isso prova que um texto de perfil pode ser construído a partir dos elementos do Jornalismo Literários identificados por essa monografia.

Os textos de perfis não apenas trazem histórias de pessoas reais. Mas também mostram um lado mais humano de figuras populares e contextualiza situações excepcionais para o cotidiano, além de ressaltar que é possível transformar o ordinário em uma narrativa extraordinária. Por fim, o Jornalismo Literário se mostra uma ferramenta de transformação para o Jornalismo em si. Por meio desse gênero, textos não trazem apenas informações, também compartilham histórias capazes de gerar emoção e mudar perspectivas de mundo. Essa é uma área que pretendo seguir pesquisando, por sua vasta cadeia de possibilidades e sua contribuição o Jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1988.

CARVALHO, Eduardo Pereira. **Eu, repórter: o uso da primeira pessoa em reportagens da revista Piauí**. 2016.

CARUCCI, Pedro; DAHER, Gabriel; e MIRANDA, Victor. **O Último Voo - Os anos 80 da Editora Brasiliense**. Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo na Faculdade

Cásper Líbero. Publicado em 18 nov. 2012. 32'36". Disponível na internet por http em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=9S8yeuhNkE4>>. Acesso em: 20 out. 2022

CORRÊA, Vitor de Abreu. **O jornalismo de guerra de Euclides da Cunha: as mudanças paradigmáticas e os meios impressos de comunicação**. 2020.

DE OLIVEIRA SILVA, Francilene. **A revista Piauí na contramão da pós-modernidade**. In: FAC-Pós-Graduação em Comunicação Social. 2012.

DO CARMO, Aparecido Santos; DE ALMEIDA, Cristóvão Domingos. **Perfil biográfico e figuras públicas na sociedade midiaticizada**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021.

ESTES, Clarissa Pinkola. **Women who run with the wolves: Contacting the power of the wild woman**. Random House, 2008.

GONÇALVES, Marcos Augusto; e COLOMBO, Sylvia. **Império das letras**, 01 nov. 2006. Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0111200609.htm>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010, 286 p.

KLACZKO, Andrea. **O jornalismo literário nas revistas Piauí e Brasileiros: em busca da literariedade**. 2010.

KORACAKIS, Teodoro. **A companhia e as Letras: Um estudo sobre o papel do editor na Literatura**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo e literatura: aproximações, recuos e fusões**. Anuário Unesco/Metodista de comunicação regional, v. 13, n. 13, p. 145-159, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Clube de Autores, 2010.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. Barueri, SP: Manole, 2004, 371 p.

MENDONÇA, Luan Pazzini; CARDOSO, Anelise Zanoni. **Eliane Brum e o Jornalismo Literário no livro O Olho da Rua**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário: tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016, 452 p.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 40, p. 21-36, 2017.

MOLINA, Júlia Cafruni; BELMONTE, Roberto Villar. **O Jornalismo Literário de David Remnick em perfis de políticos internacionais publicados na revista New Yorker**. In: 7º Encontro do JPJor. 2017.

PASSOS, Mateus Yuri; ORLANDINI, Romulo Augusto. **Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do jornalismo literário**. Revista Contracampo, n. 18, 2008.

QUISTER, Ezequiel Schukes; NICOLATO, Roberto. **Os procedimentos do jornalismo literário na revista piauí**. Trabalho de conclusão de curso. Curitiba, 2012.

SANTORO, André Cioli Taborda. **O uso de personagens no Jornalismo Literário**. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2015.

REBINSKI, L. **O editor que estava lá**. Cândido Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba, n. 56, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/1UkAq7d>. Acesso em: 20 out. 2022.

SALOMÃO BRUCK, MOZAHIR; ANTUNES, Rennan. **Jornadas e heróis nos perfis da revista Piauí: um estudo sobre gestos biográficos no jornalismo**. Contracampo, v. 36, n. 3, 2017.

SANTOS, J. F. **Abaixo o jornalismo bege. Radical Chic e o Novo Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SORÁ, Gustavo. **Tempo e distâncias na produção editorial de literatura**. In revista Mana. Rio de Janeiro, no 3/2, p. 151 - 181, outubro de 1997.

SUZUKI JR, M. **Jornalismo com H**. In: HERSEY, J. Hiroshima. São Paulo, Companhia das Letras, 2002. p. 161-172.

VILAS-BOAS, Sergio. **Arte do perfil. Sergio Vilas-Boas**, 28 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.sergiovilasboas.com.br/a-arte-do-perfil/>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

VILAS-BOAS, Sergio. Jornalismo e literatura. **Sergio Vilas-Boas**, 14 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.sergiovilasboas.com.br/jornalismo-literatura/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003, 162 p.

WEISE, Angélica Fabiane. **Jornalismo Literário: análise de reportagens de José Hamilton Ribeiro na revista Realidade**. Anagrama, v. 6, n. 3, p. 1-16, 2013.

WOLFE, T. **Radical Chic e o Novo Jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

APÊNDICE A

Planilha com as cinco categorias e as anotações do texto

Acesse [aqui](#).

APÊNDICE B

Corpus com os quadros das sete categorias

Acesse [aqui](#).